

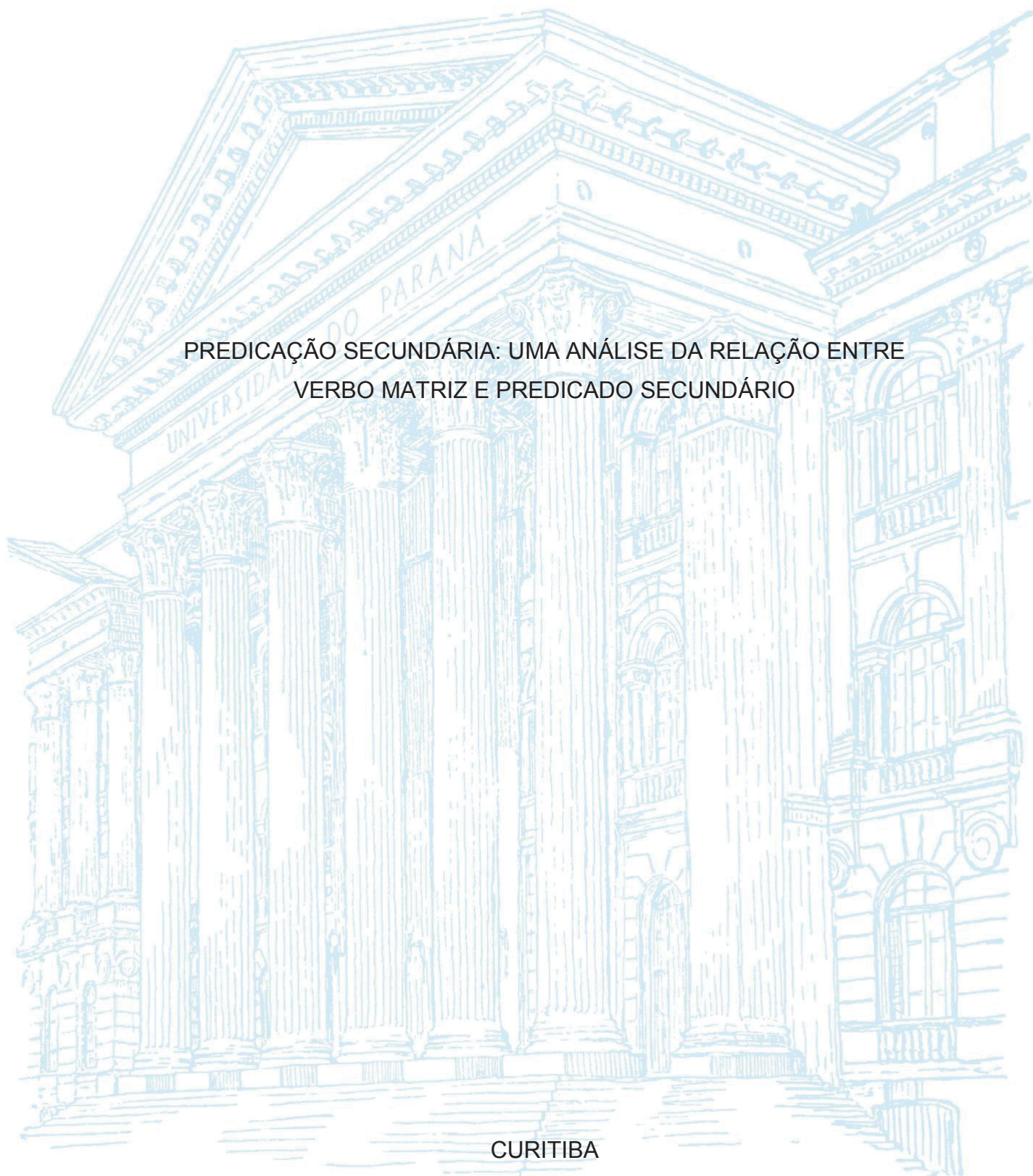
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALANA BERTON

PREDICAÇÃO SECUNDÁRIA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE
VERBO MATRIZ E PREDICADO SECUNDÁRIO

CURITIBA

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALANA BERTON

**PREDICAÇÃO SECUNDÁRIA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO
ENTRE VERBO MATRIZ E PREDICADO SECUNDÁRIO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Foltran

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Berton, Alana

Predicação secundária : uma análise da relação entre verbo matriz e
predicado secundário. / Berton Alana. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Maria José Foltran

1. Língua portuguesa – Sujeito e predicado. 2. Língua portuguesa - Verbos.
3. Língua portuguesa – Gramática. I. Foltran, Maria José, 1954-. II. Título.

CDD – 469.5



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ALANA BERTON** intitulada: **Predicação secundária: uma análise da relação entre verbo matriz e predicado secundário**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 31 de Maio de 2019.

MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MARCOS BARBOSA CARREIRA
Avaliador Externo (UEPG)

ANDREA KNOPFLE
Avaliador Externo (PESQUISADOR)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

ATA Nº928


ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

No dia trinta e um de maio de dois mil e dezenove às 14:00 horas, na sala 114, Rua General Carneiro, nº 460 - Ed. D. Pedro I, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **ALANA BERTON** para a Defesa Pública de sua dissertação intitulada **Predicação secundária: uma análise da relação entre verbo matriz e predicado secundário**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN (UFPR), MARCOS BARBOSA CARREIRA (UEPG), ANDREA KNOPFLE (PESQUISADOR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 31 de Maio de 2019.


MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


MARCOS BARBOSA CARREIRA
Avaliador Externo (UEPG)


ANDREA KNOPFLE
Avaliador Externo (PESQUISADOR)

Ao Nonno, João Batista Berton, *in
memoriam.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me mostrou tantas vezes que está ao meu lado.

Aos meus pais, por serem os melhores pais do mundo, sem exageros.

Obrigada pelo colo, carinho e apoio em todos os momentos;

Ao meu irmão sempre tão presente e meu sobrinho, luz da minha vida;

Ao meu amor, Bira, pelas inúmeras caronas, pela compreensão por todas as vezes em que priorizei a dissertação e por ser sempre meu porto seguro;

À minha orientadora, Maria José Foltran, por estar sempre disponível para me auxiliar, pelas leituras atentas e por confiar no meu trabalho;

Ao Prof. Marcos Carreira, pelas leituras e sugestões, por me mostrar o caminho e por acreditar mais em mim do que eu mesma;

À Andrea Knöpfle, por todas as valiosas sugestões;

À Prof. Patrícia Rodrigues, pela participação e sugestões na qualificação deste trabalho;

À minha cunhada, Juliana, que gentilmente me emprestou seu computador para que eu pudesse escrever a dissertação;

Aos colegas que estiveram comigo nesse período, em especial à Ludmila, Márcio, Luana, Shehrazad e Laís, por todos os debates, sugestões de leitura e pela ajuda emocional nos momentos de crise;

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

A presente dissertação investiga o comportamento dos verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* em construções de predicação secundária. Essas construções são caracterizadas pelo fato de terem o sujeito tematicamente marcado por outro núcleo lexical, diferente daquele com o qual formam um constituinte (Rothstein, 1983). Nosso foco são as construções de predicação secundária orientada ao objeto, chamada predicação secundária depictiva. Nosso interesse reside em analisar porque construções com esses verbos não apresentam leitura predicativa em determinados contextos. Em uma análise preliminar, constatamos que estruturas com o verbo *guardar* são mais flexíveis em relação à seleção do predicado secundário, enquanto estruturas de predicação secundária com os verbos *tampar* e *abrir* demandam especificidades no predicado depictivo. Durante a pesquisa, procuramos investigar quais seriam essas especificidades e porque elas são necessárias. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é (i) descrever as construções predicativas depictivas a fim de identificar generalizações ou restrições a respeito deste fenômeno; (ii) justificar a inaceitabilidade de alguns depictivos *stage level* em determinadas construções; (iii) apontar, nas construções predicativas depictivas, propriedades indispensáveis dos predicados para que a sentença seja plenamente aceitável. Propomos uma análise que segue o viés da decomposição de predicados, o que nos mostra diferenças relevantes entre os verbos em questão, mas não responde a questão que levantamos. A hipótese que defendemos é de que a inaceitabilidade de algumas construções de predicação secundária se explica por meio de um operador que conecta o tempo e o participante de cada um dos predicados, denominado *TPconnect* (Rothstein, 2004). Com essa hipótese, surgem outras questões, como, por exemplo, como medir o tempo de duração dos eventos denotados pelos predicados.

Palavras-chave: Predicação Secundária. Predicado depictivo. *TPConnect*.

ABSTRACT

This thesis investigates the behavior of *guardar*, *tampar* and *abrir* verbs in secondary predication constructions. These constructions are characterized by having the subject thematically marked by another lexical head, different from that with which they form a constituent (Rothstein, 1983). Our focus is object-oriented secondary predicate constructions, called depictive predication. Our interest is analyzing why constructions with these verbs do not present predictive reading in certain contexts. In a preliminary analysis, we found that structures with the verb *guardar* are more flexible in relation to the selection of the secondary predicate, while secondary predicate structures with the *tampar* and *abrir* verbs demand specificities in the predicate predicate. During the research, we sought to investigate what these specificities would be and why they are necessary. Therefore, the objective of this research is (i) to describe the predicative constructions in order to identify generalizations or restrictions regarding this phenomenon; (ii) justify the unacceptability of some *stage level* representations in certain constructions; (iii) to point out, in the predicative constructions depictives, indispensable properties of the predicates so that the sentence is fully acceptable. We propose an analysis that follows the predicate decomposition, which shows us relevant differences between the verbs in question, but does not answer the question that we raise. The hypothesis we hold is that the unacceptability of some secondary predicate constructions is explained by an operator that connects the time and the participant of each of the predicates, called *TPconnect* (Rothstein, 2004). With this hypothesis, other questions arise, such as how to measure the duration of events denoted by predicates.

Keywords: Secondary Prediction. Descriptive predicate. *TPConnect*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
 CAPÍTULO I	19
1 Predicação: termos gerais	20
2 A predicação secundária	24
2.1 Predicação primária <i>versus</i> predicação secundária.....	25
2.2 Leitura predicativa <i>versus</i> Leitura atributiva	29
2.3 Propriedade <i>Stage Level</i> e <i>Individual Level</i>	31
3 As Classes Aspectuais dos Verbos	34
3.1 Propriedades das Classes Aspectuais	35
3.1.1 Verbos de estado	36
3.1.2 Verbos de atividade	37
3.1.3 Verbos accomplishment	38
3.1.4 Verbos <i>achievements</i>	38
CONCLUSÕES PARCIAIS	39
 CAPÍTULO II.....	41
1 Os dados de análise	43
2. Determinando a Classe Aspectual	46
3 Decomposição de predicados	55
3.1 Decomposição dos predicados <i>guardar, tampar e abrir</i>	57
3.1.1 <i>Guardar</i> : verbo de mudança de lugar	58
3.1.2 <i>Tampar</i> : verbo de mudança de posse	59
3.1.3 <i>Abrir</i> : verbo de mudança de estado	61
4. A proposta de Rapoport (1990)	62
CONCLUSÕES PARCIAIS.....	67
 CAPÍTULO III	69
1. A proposta de McNally (1997)	70
1.1 Predicados depictivos <i>individual level</i>	71
2. A proposta de Rothstein (2004)	75
2.1 O operador <i>TPconnect</i>	75

2.2 O TP <i>connect</i> em nossos dados	79
CONCLUSÕES PARCIAIS	81
CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo certas estruturas de Predicação Secundária (PS) adjetival orientada ao objeto, cuja aceitabilidade coloca problemas para as conhecidas propriedades desse tipo de construções. Trabalharemos especificamente com os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* porque são todos transitivos diretos e nos permitem trabalhar com exemplos bem paralelos, além de possibilitarem restringirmo-nos a um mesmo campo semântico. Para explicar as questões que nortearão essa pesquisa, precisamos primeiramente clarear as questões relacionadas à predicação secundária. Esse será nosso objetivo nesta introdução.

Seguindo alguns autores, chamaremos as construções de predicação secundária do objeto de construções predicativas depictivas. Essas construções contam com dois predicados que partilham um mesmo argumento (Rothstein, 1983) sendo que o predicado depictivo caracteriza uma situação temporária, como ilustrado em (1).

(1) João comeu a carne crua

Nas estruturas de predicação secundária, o sujeito do predicado secundário recebe um papel temático de outro núcleo lexical, diferente daquele com o qual forma um constituinte. Em (1), o DP *a carne* é argumento do verbo *comer* e recebe um papel temático dessa relação. Depois, o DP *a carne* se relaciona com o AP *crua* e recebe um segundo papel temático. Nessas circunstâncias, *crua* é um predicado secundário do objeto *a carne*.

Uma estrutura de predicação secundária ocorre exclusivamente em situações em que o predicado secundário é mediado pelo predicado primário. O predicado secundário é um adjunto na sentença, pois se extraído, não causa agramaticalidade:

(2) João comeu a carne

No português brasileiro, os dados de predicação secundária podem apresentar ambiguidade. Isso acontece porque a posição pós-nominal do adjetivo é compatível tanto com a estrutura predicativa quanto atributiva. Na sentença em (1),

por exemplo, a ambiguidade ocorre porque o AP *crua* pode tanto fazer parte de um sintagma nominal [a carne crua] como pode ser um constituinte à parte [a carne] [crua]. No primeiro caso, temos a interpretação atributiva, na qual o adjetivo fica dentro dos limites do DP. No segundo caso, temos a interpretação predicativa, em que o adjetivo configura o núcleo de um constituinte separado. Considere o dado em (3) para elucidar essa questão:

- (3) a. João comeu [a carne crua] - interpretação atributiva b.
João comeu [a carne] [crua] - interpretação predicativa

Para entender as duas leituras, podemos dizer que, no primeiro caso, que corresponde à leitura atributiva, a carne crua já está presente no universo do discurso - já se sabia que havia uma carne crua. No segundo caso, que corresponde à leitura predicativa, somente a carne está no universo do discurso - a informação de que ela estava crua é nova, ou seja, o fato de ela estar crua está atrelado com o evento de comer.

Os adjetivos que compõem o quadro de predicados secundários são aqueles que codificam um estado temporário (Rothstein, 1983, Foltran, 1999, entre outros). O estado denotado pelo predicado depictivo precisa ocorrer no momento em que ocorre a ação denotada pelo verbo principal da sentença. Na sentença em (1), por exemplo, a propriedade de *crua* coincide com o momento de *comer a carne*. Carlson (1977), denomina os adjetivos de estado temporário como *stage level*. Aos adjetivos que codificam estados permanentes, o autor denomina *individual level*. Estes, porém, não licenciam estruturas predicativas depictivas:

- (4) a. Eu encontrei o livro aberto (predicado *stage level*)
b. *Eu encontrei o livro difícil (predicado *individual level*)

Em (4a), o AP *aberto* tem propriedade passageira, portanto um predicado *stage level* (eu encontrei o livro e o livro estava aberto). Já *difícil* configura uma propriedade permanente, portanto, *individual level* (o livro é difícil). Em uma língua como o português, a diferença entre os tipos de propriedade denotada pelos predicados pode ser lexicalizada por meio das cópulas *ser* e *estar*, sendo que, em

geral, os adjetivos *individual level* ocorrem com a cópula *ser* e os *stage level* ocorrem com a cópula *estar*. Assim, a paráfrase correspondente à leitura predicativa pode ser formulada mediante o conectivo *quando* e a cópula *estar*, conforme ilustrado em (5) referente às sentenças apresentadas em (4):

- (5) a. O livro estava aberto quando eu o encontrei
b. *O livro estava difícil quando eu o encontrei

No entanto, ser dotado de um traço *stage level*, apesar de necessário, não é suficiente para que um adjetivo se configure como um depictivo. Alguns adjetivos *stage level* não podem aparecer em construções predicativas depictivas por não estabelecerem uma relação temporal com o predicado matriz da oração.

- (6) *João sentou na cadeira torta

Bisol (1975) e Foltran (1999) apontam que as sentenças de predicação secundária precisam conter um predicado matriz com traço [+dinâmico]. Isso explicaria a inaceitabilidade da sentença em (6) enquanto predicação secundária. Quando substituímos o verbo matriz de (6) por um verbo com traço [+dinâmico], a sentença passa a ser aceitável:

- (7) João encontrou o relógio quebrado

Entretanto, é possível encontrar verbos que apresentam um comportamento diferente a depender do predicado depictivo a que estão associados. Considere a sentença em (8) seguidas dos testes de constituição que evidenciam a leitura predicativa:

- (8) ? Maria abriu a panela suja
?A panela foi aberta suja pela Maria
?A panela, a Maria abriu suja

?Foi a panela que a Maria abriu suja

O contexto que precisamos considerar para que tenhamos a leitura predicativa da sentença em (8) é de que Maria abriu a panela e no momento em que ocorre essa ação, a panela estava suja. É necessário contextualizar para que tenhamos essa leitura. Fora de um contexto, a única interpretação possível para (8) é a atributiva, em que dado um conjunto de panelas, Maria abriu aquela que estava suja. *Suja* é um adjetivo do tipo *stage level*, portanto, compatível com sentenças de PS. Apesar de a leitura predicativa em (8) exigir um contexto em que se evidencie a propriedade *stage level* do adjetivo, o AP *suja* pode aparecer sem restrições em outros contextos de predicação secundária, como com o verbo *guardar*:

(9) Maria guardou a panela suja

A panela foi guardada suja pela Maria

A panela, a Maria guardou suja

Foi a panela que a Maria guardou suja

Diferentemente de (8), manipular o contexto a favor da leitura predicativa é dispensável em (9), pois é justamente esta a leitura que parece estar em evidência: Maria guardou a panela e a panela estava suja no momento em que ocorre a ação.

O que propomos neste trabalho é investigar como deve ser a relação entre o predicado secundário e o predicado matriz para que uma sentença seja plenamente aceitável. Para realizar essa investigação, vamos nos deter em três verbos, como já apontamos: *guardar*, *tampar* e *abrir*. A escolha desses verbos se fundamenta no pressuposto de que objetos diretos diferentes podem influenciar no julgamento de aceitabilidade das sentenças. Assim, selecionamos verbos que permitissem um mesmo objeto direto. Além disso, os três verbos selecionados pertencem à classe dos *accomplishments*¹ (Cançado e Amaral, 2016) e por isso a expectativa era de que se comportassem da mesma maneira nas construções predicativas, mas não é o que ocorre.

¹ Abordaremos essa questão na seção 3 do capítulo I.

Portanto, as questões que iremos responder nesta dissertação são: (i) por que um mesmo adjetivo pode apresentar ou não restrição em uma sentença de predicação secundária a depender do verbo com o qual se relaciona? (ii) de que forma a relação do verbo matriz com o adjetivo *stage level* interfere na leitura predicativa das sentenças?

Diante das questões apontadas, o objetivo desta pesquisa é (i) descrever as construções predicativas depictivas a fim de identificar generalizações ou restrições a respeito deste fenômeno; (ii) justificar a inaceitabilidade de alguns depictivos *stage level* em determinadas construções; (iii) apontar, nas construções predicativas depictivas, propriedades indispensáveis dos predicados para que a sentença seja plenamente aceitável.

Para cumprir esses objetivos, este trabalho está dividido em três capítulos. O capítulo I é destinado a cumprir o objetivo proposto em (i), por isso trata-se de um capítulo explicativo, em que resgataremos questões já discutidas na literatura. Na primeira seção do capítulo I, apresentamos noções relacionadas à predicação secundária. Para isso, retomamos a proposta de Foltran (1999) fundamentada em Rothstein (1983), e, conforme apontam essas autoras, adotamos a definição de que o predicado depictivo atribui um papel temático a um elemento já tematicamente marcado em outra relação de predicação (Foltran, 1999, pág. 11). Ainda neste capítulo, apresentaremos uma distinção mais detalhada entre a interpretação atributiva e predicativa presente nos dados de análise desta pesquisa. Feito isso, com base em Carlson (1977), apresentamos a importante distinção entre os predicados *stage level* e *individual level*.

Além disso, no Capítulo I, tendo em vista que os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* se comportam de maneira diferente nas construções predicativas, questionamos se, de fato, esses verbos pertenceriam à mesma classe. Por isso, na segunda seção, dedicamo-nos a investigar a classe aspectual desses verbos com base na proposta de Vendler (1967).

Introduzidas essas questões, no capítulo II, dedicamo-nos a iniciar a investigação para responder às questões que norteiam este trabalho. Para isso, na primeira seção desse capítulo, iremos apresentar, detalhadamente, dados que nos instigam a pensar que há alguma relação peculiar entre os verbos analisados e

determinados adjetivos que permite ou restringe uma construção de predicação secundária. Considere o pequeno recorte dos dados em (10):

- (10) a. João tampou a panela quente A
panela foi tampada quente pelo João Foi
a panela que o João tampou quente
- b. ? João tampou a panela amassada
?A panela foi tampada amassada pelo João
?Foi a panela que o João tampou amassada

Nossos dados mostram que construções predicativas com o verbo *guardar* podem ocorrer com qualquer adjetivo *stage level* sem apresentar nenhuma restrição, o que não acontece com os outros dois verbos em análise. Vamos argumentar que isso se deve à relação temporal em que ocorre o predicado matriz e o predicado depictivo.

Na segunda seção do capítulo II, apresentamos a decomposição lexical de predicados. Com base nos estudos de Cançado e Amaral (2016), definimos a decomposição de predicados como uma descrição semântica que pressupõe que o significado de um item lexical é composto por partes que se combinam. Decompomos os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* para verificar se isso daria conta de explicar por que as sentenças com o verbo *guardar* aparecem com mais facilidade em contextos predicativos. Este tipo de análise é relevante nesta pesquisa porque a decomposição de predicados não mostra apenas a semântica dos participantes do evento, como faz a grade temática, mas mostra a semântica do evento propriamente dito. Apesar de serem compostos por primitivos diferentes, mostramos que todos os verbos analisados são compostos por dois subventos, sendo um ACT e o outro BECOME e apresentam um resultado final <STATE>. Isso nos permite classificá-los como verbos de mudança.

No capítulo III, abordaremos questões formais relacionadas ao problema com o qual estamos trabalhando. Vamos mostrar como o operador TP *connect* conecta os predicados de uma sentença predicativa. Analisaremos se esse operador é o responsável por permitir ou restringir sentenças de predicação secundária.

Nas considerações finais, retomaremos as principais questões que levantamos durante a pesquisa e apresentaremos nossas conclusões e dúvidas remanescentes.

CAPÍTULO I

Este capítulo está destinado a apresentar o objeto de estudo desta dissertação, que se dedica a analisar estruturas de predicação secundária no português brasileiro (PB).

Antes de partirmos para esse aspecto específico, julgamos necessário discutir noções básicas de predicação com as quais estamos trabalhando. Para isso, na seção 1 apresentamos algumas abordagens teóricas a respeito do tema. Essa primeira seção é relevante para que possamos apresentar o primeiro recorte deste trabalho: *a predicação secundária*. Na seção 2, seguindo o modelo de Rothstein (1983), mostraremos as construções de predicação secundária de forma mais descritiva e abrangente. Depois, deixaremos o recorte deste trabalho ainda mais estreito: os dados que trabalharemos serão exclusivamente de predicação secundária do objeto. Esses dados serão especificados na seção 2.1, bem como construções semelhantes, mas que estarão fora do escopo deste trabalho.

Também achamos pertinente discutir a ambiguidade nas sentenças de predicação secundária. No PB, as sentenças de predicação secundária do objeto possibilitam duas leituras: a atributiva e a predicativa. Na seção 2.2, mostraremos a ambiguidade presente nessas sentenças e faremos uma distinção entre as duas leituras possíveis, destacando que, no decorrer do trabalho, estaremos considerando apenas a leitura predicativa dessas sentenças.

Na seção 2.3, apresentaremos as propriedades dos adjetivos que nos permitem distingui-los em dois grupos: *Stage Level* e *Individual Level*. De maneira geral, os trabalhos que contemplam os predicados secundários apontam que esses predicados precisam ser do tipo *stage level* para que não sofram restrições (cf. Rothstein, 1989; Himmelmann & Schultze-Berndt, 2005). No entanto, alguns autores apontam para a possibilidade de construções predicativas com predicado secundário *individual level* em contextos específicos (cf. McNally, 1993; Foltran, 1999). Nesses casos, o tempo expresso pelo predicado matriz parece influenciar na coerção para uma leitura de estágio do predicado secundário. As sentenças predicativas aqui analisadas têm como predicado matriz os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir*. A priori, a estrutura aspectual desses predicados deveria coincidir, já que esses verbos partilham da classe aspectual dos *accomplishments* (Cançado e Amaral, 2016).

Porém, esses verbos apresentam comportamentos diferentes nas sentenças predicativas, como ilustrado em (1):

- (1) a. João guardou a panela enferrujada
b. *João abriu a panela enferrujada c.
*João tampou a panela enferrujada

Em (1b-c), o predicado matriz parece influenciar a não aceitação do adjetivo como predicado secundário. Esse fato nos direciona à hipótese de que *guardar*, *tampar* e *abrir* podem não pertencer à mesma classe aspectual. Para investigar essa questão, na seção 3 mostraremos um estudo da classe aspectual desses verbos com base na proposta de Vendler (1967).

1.1 Predicação: termos gerais

Compreender o conceito de predição é o primeiro passo para que possamos restringir o escopo deste trabalho. Na literatura gerativista, são muitos os autores que investigam esse tema (cf. Williams, 1980, 1983; Napoli, 1989; Rothstein, 1983; Stowell, 1981; Den Dikken, 2006; entre outros), pois a predicação está relacionada a inúmeros fatores em uma teoria gramatical.

Conforme cita Den Dikken (2006), o termo predicação foi definido por Platão em sua obra *Sofista* como uma conjunção de um sujeito e de um predicado. Considerar a predicação como saturação ou atribuição de propriedade é suficiente para orientar a leitura dos próximos capítulos. No entanto, julgamos importante fazer uma apresentação de caráter introdutório dos termos relacionados à predicação, tendo em vista que este é o tema central deste trabalho.

Stalmaszczyk (1998, *apud* Ferreira, 2017) aponta que o termo predicação não era definido de maneira precisa nos trabalhos pioneiros da teoria gerativista. Segundo o autor, o que Chomsky (1965) propunha como sintagma predicativo reportava-se à noção de que um predicado seria toda a sentença menos o sujeito. Posteriormente, novas teorias surgiram e o conceito de predicação passou a ser definido mais precisamente. Os trabalhos de Williams (1980, 1983, 1995) e Rothstein (1983, 1997) são as abordagens mais conhecidas do tema. Nesta seção,

vamos nos limitar a introduzir essas duas abordagens. Elas serão importantes porque as análises propostas na caracterização de predicação secundária estão vinculadas com alguns conceitos que serão apresentados aqui.

Na teoria de predicação de Williams (1980), a estrutura de predicação, que relaciona sujeito e predicado, é indicada pela coindexação. Segundo o autor, a categoria dos adjetivos é obrigatoriamente interpretada como um predicado. Dessa forma, sabendo que o NP deve assumir um índice referencial, a regra de predicação é representada da seguinte maneira:

$$(2) \dots NP_i \dots AP \dots \rightarrow NP_i \dots AP_i \dots$$

Nessa abordagem, a coindexação é regida por três regras, enumeradas por Winkler (1997) como (i) o sujeito deve ser um NP; (ii) o predicado deve ser uma projeção máxima; (iii) o sujeito recebe um papel temático externo do predicado e deve c-comandar esse predicado.

Na proposta de Williams, “o sujeito de um sintagma predicativo XP é o único argumento de X localizado fora da projeção máxima de X” (Williams, 1983: 287). Nesse sentido, o sujeito é um argumento externo.

Em outras palavras, para Williams, um predicado X é uma projeção máxima que atribui um papel temático externo; já um sujeito de um predicado X é o NP ao qual X atribui um papel temático. Nessa abordagem, a noção de predicação inclui a noção de atribuição de papel temático.

Enquanto a teoria de Williams (1980) tem base temática, a abordagem de Rothstein (1983) considera que a atribuição de papel temático não é uma questão central na predicação. Rothstein defende a predicação como uma operação puramente sintática. Para a autora, a relação semântica entre sujeito e predicado é construída através da Forma Lógica, em que a Estrutura Superficial codifica a informação semântica. Nessa visão, como resume Ferreira (2017), o predicado é um constituinte estruturalmente aberto, o sujeito é um constituinte estruturalmente fechado, e a relação de predicação consiste em o sujeito “fechar” (saturar) o predicado.

Assim, diferente de Williams, a teoria de Rothstein assume que um AP pode ser um predicado porque é um constituinte sintaticamente aberto, e não porque

possui um papel temático externo para atribuir. Isso permite que, na relação de predicação, sejam incluídos sujeitos com os quais o AP não possui relação temática².

Rothstein (1983) assume que a noção de predicado está relacionada à noção de saturação. Para que a saturação ocorra, deve ser aplicada a Regra de Ligação do Predicado (Rothstein 1983, *apud* Foltran 1999). Segundo essa regra, todo XP não theta-marcado deve ser ligado na estrutura superficial a um argumento e deve haver uma relação de c-comando mútuo. Além disso, a ligação se dá da direita para a esquerda, isto quer dizer que o sujeito precede o predicado.

Como mostramos, embora haja algumas divergências em relação às noções de predicação, todas as descrições englobam dois itens em comum: sujeito e predicado.

A gramática tradicional toma sujeito e predicado como termos essenciais da oração e os define com base no pensamento filosófico de Aristóteles. O predicado, nesta visão, é “tudo aquilo que se diz sobre o sujeito” e o sujeito é “o ser sobre o qual se faz uma declaração” (Cunha e Cintra, 2007, p. 136). Assim, em uma sentença como (3), *Maria* corresponde ao sujeito e *sabe dançar*, ao predicado.

(3) Maria sabe dançar

A definição de sujeito e predicado tomada pela gramática tradicional é problemática porque pode ser facilmente confundida com a noção de tópico e comentário (Foltran, 1999). Embora essas noções coincidam na maioria das sentenças declarativas, elas não são correspondentes, como mostra o exemplo de Foltran (1999) em (4)

(4) O novo livro de Chomsky, eu ainda não o li.

Na sentença em (4), *o novo livro de Chomsky* corresponde ao elemento sobre o qual se diz alguma coisa, portanto, o tópico, mas não podemos dizer que

²Rothstein (1983) explica que a predicação não envolve a atribuição de papel temático quando o sujeito é um expletivo, como em *It seems that John is late*.

corresponde ao sujeito dessa oração. Tomar sujeito e predicado com base nas noções de proposição³ gera dificuldade em definir precisamente esses termos.

Den Dikken (2006) apresenta um estudo detalhado a respeito da definição dos termos sujeito e predicado. Segundo o autor, a teoria aristotélica distinguia predicado lógico e predicado gramatical pelos termos *symbebekós* e *kategoroumenon*, respectivamente. Essa distinção não se dava com o sujeito, que era representado pelo termo *hypokeímenon* tanto na lógica quanto na gramática. A tradução latina, porém, reuniu as acepções de predicado em um único vocábulo: *praedicatum*. Para Den Dikken, isso teria causado uma confusão terminológica responsável pela complexidade de definir os termos sujeito e predicado com precisão. Os reflexos dessa complexidade podem ser visto nos exemplos em (5), em que Den Dikken apresenta três tipos de sujeito: sujeito temático, sujeito gramatical e sujeito lógico, que correspondem respectivamente ao argumento externo, ao elemento na posição de sujeito e ao tema.

(5) a. *Imogen* beijou Brian.

b. *Brian* foi beijado por Imogen.

c. *Brian* caiu.

d. *Brian*, Imogen realmente adora.⁴

Nesses exemplos, o autor mostra que *Imogen* pode ser considerado um sujeito temático nas sentenças (5a, b, d); os elementos em itálico podem ser considerado sujeito gramatical nas sentenças (5a, b, c); e o elemento em itálico na sentença em (5d) é considerado um sujeito lógico. Neste trabalho, estamos excluindo a noção de sujeito lógico.

Den Dikken (2006) delimita também a noção de predicado, afirmando que podemos considerar predicado todo item lexical que possui uma grade temática e também todo constituinte sintático que é formado por um núcleo predador e por seus argumentos internos. Para o autor, o predicado desempenha um papel fundamental e complexo na sintaxe. Apesar disso, a definição deste termo dada por Den Dikken parece simples. Nas palavras do autor, o predicado é o constituinte

³ O termo *proposição* remete à declaração de um fato em relação a um sujeito.

⁴ Exemplos de Den Dikken (2006), em tradução livre.

sintático que expressa uma propriedade atribuída ao sujeito. (Den Dikken, 2006, pág. 11). Neste trabalho, partilhamos da noção de predicado de Den Dikken.

Os parágrafos anteriores serviram para apresentar noções básicas em relação ao tema desta dissertação. Vamos agora tecer algumas considerações e resumir os recortes feitos nesta subseção. Embora de modo superficial, vimos as teorias de predicação de Williams (1980) e Rothstein (1983). A diferença crucial entre essas duas abordagens é a relevância da atribuição de papel temático. Enquanto Williams considera que a marcação temática seria um elemento central na relação de predicação, Rothstein defende que a relação de predicação seria puramente sintática. A abordagem de Rothstein permite incluir sujeito expletivo, já que não envolve marcação temática. Considerar a predicação como saturação ou atribuição de propriedade é suficiente para orientar a leitura deste trabalho.

Vimos também que a predicação envolve dois elementos centrais: sujeito e predicado. A definição desses termos também não é unânime. Para atender nossos propósitos, estamos trabalhando com a aceção gramatical de sujeito e considerando que o predicado é o constituinte sintático que expressa uma propriedade atribuída ao sujeito.

2. A predicação secundária

O objetivo desta seção é apresentar nosso objeto de estudo: a predicação secundária. Para tanto, distinguiremos a predicação secundária da predicação primária. Depois, nos deteremos em um tipo específico de predicado secundário: o predicado secundário depictivo. Para isso, de maneira simplificada, apresentaremos construções semelhantes, mas que ficarão fora do escopo deste trabalho, como a predicação secundária do sujeito, as *Small Clauses* e as construções resultativas.

Vamos mostrar que, no PB, há uma ambiguidade estrutural nas construções de predicação secundária. Por isso, na subseção 1.2 esclarecemos que interpretação estamos considerando nos dados de análise. Por fim, na seção 1.3, discutiremos as propriedades *stage level* x *individual level* dos predicados, buscando mostrar porque somente predicados *stage level* podem compor o quadro de predicados secundários.

2.1 Predicação primária *versus* Predicação secundária

A distinção entre a predicação primária e predicação secundária foi proposta por Rothstein (1983). De maneira geral, para fazer tal distinção, propõe que há predicados oracionais e predicados não oracionais ou adjuntos. O que caracteriza a predicação primária é o fato de o sujeito e o predicado formarem um constituinte juntos e o sujeito não é tematicamente marcado fora da relação de predicação em que ocorre. O predicado secundário é também originário da regra de que toda função sintática deve ser saturada, só que seu sujeito pode ter papel temático atribuído fora da sua relação de predicação.

Para Rothstein (1983), tanto o predicado primário quanto o predicado secundário estão sujeitos a condições sintáticas de boa formação. Essa boa formação decorre das exigências da regra de ligação do predicado e do c-comando mútuo. Os dois tipos de predicação baseiam-se em relações de saturação, mas contam com restrições diferentes, como veremos adiante.

Em termos formais, Rothstein define predicado primário da seguinte maneira:

- a. α is a primary predicate of β , iff α is predicated of β , and α and β c-command each other, and β is not theta-marked outside the predication relation with α .
- b. If α is a primary predicate of β , then α and β form an instance of primary predication.

(Rothstein, 2004a: 122).

Na definição acima, reforça-se a necessidade de c-comando mútuo. Além disso, formula-se a necessidade de o sujeito não poder ser tematicamente marcado fora da relação de predicação em que ocorre. O que precisa ser respeitado é que o sujeito não receba um papel temático de outro núcleo lexical e que forme um constituinte junto com o predicado.

A predicação secundária, por outro lado, conta com um sujeito que já participa da predicação primária. Na predicação secundária, o sujeito precisa obrigatoriamente receber dupla marcação temática

(6) João [comeu a carne]_i [crua]_i

No exemplo clássico em (6), a dupla marcação temática⁵ acontece porque o DP⁶ *a carne* é argumento do verbo *comer* e, portanto, recebe um papel temático nessa relação. Além disso, o DP *a carne* é sujeito de *crua*, e recebe desse adjetivo uma outra marcação temática, sendo então *crua* um predicado secundário do objeto *a carne*⁷. Rothstein (1983) afirma que os predicados secundários são sintagmas adjuntos, e por isso precisam ter seus sujeitos theta-marcados por outro núcleo lexical.

A definição de predicado secundário é apresentada nos seguintes termos:

- a. α is a secondary predicate of β iff α is predicated of β , and α and β command each other and β is theta-marked by a head not contained in α .
- b. If α is a secondary predicate of β , then α and β form an instance of secondary predication.

(Rothstein, 2004a: 123)

Rothstein considera que a principal diferença entre a predicação primária e a predicação secundária é que uma instância de predicação primária forma um constituinte e uma instância de predicação secundária não forma um constituinte. Nesse sentido, as *Small Clauses* (SC) seriam construções de predicação primária, pois formam um constituinte. As estruturas de SC são tão complexas quanto as sentenças plenas. De acordo com Mioto e Foltran (2007), as sentenças plenas e as SC se opõem porque enquanto aquela assume todas as categorias funcionais e, principalmente, a flexão finita, estas, apesar de estabelecerem relação entre sujeito e predicado, não podem apresentar flexão finita. Para ilustrar, considere os exemplos em (6) retirados de Rothstein (2004):

- (7) a. I thought [that problem difficult]_{sc} .
- b. Mary [drank [her coffee] [very strong]_{AP}]_{VP}'

⁵Não entraremos em detalhes na questão de atribuição de papel temático em construções predicativas. A respeito da atribuição de papel temático em *Small Clauses* remeto o leitor a Carreira, Foltran e Knopfle (2017).

⁶Ao tratar da sintaxe da predicação secundária, vamos usar o termo DP, mesmo que algumas teorias utilizem NP. A distinção DP x NP não é relevante para este trabalho.

⁷Rothstein (1983) reconhece que a análise que faz dos predicados secundários viola critério-theta apresentado em Chomsky (1981). Para contornar essa questão, adota a sugestão de Schein (1982, apud Rothstein, 1983): dois papéis- θ não podem ser atribuídos ao mesmo DP se o elemento que seleciona θ -1 é o mesmo que seleciona θ -2.

Nesses exemplos, o sujeito *that problem* em (7a) é licenciado pelo predicado *difficult*, e só por ele, enquanto em (7b), *her coffee* é licenciado porque ele recebe um papel temático do verbo *drank*, dentro da predicação primária e recebe um segundo papel temático de *very strong*. *Very strong* é um adjunto e não tem a função de licenciar o DP. Isso justifica o fato de que se fosse retirado da sentença, ela continuaria sendo gramatical. O mesmo não acontece em (7a), já que o predicado licencia *that problem*. Se retirarmos o predicado *difficult* a sentença passa a ser agramatical.

- (8) a. *I thought that problem.
b. Mary drank her coffee.

Mioto e Foltran (2007) mostram que a agramaticalidade causada pela retirada do predicado em uma SC se dá também em dados do PB.

- (9) a. Eu considero [o aluno inteligente _{sc}].
b. *Eu considero o aluno.

Bem como no inglês, nas sentenças de predicação secundária do PB, a ausência do AP não influencia na gramaticalidade da sentença, como exemplifica Carreira (2008):

- (10) a. Maria chegou bonita.
b. Maria chegou.

Além dessa diferença, o tipo de predicado selecionado pelas SC e pelos predicados secundários também se diferencia. Enquanto os predicados secundários selecionam adjetivos *stage level*, as SC selecionam adjetivos *individual level*. Isso ficará mais claro na próxima subseção.

Os conceitos de predicação primária e secundária estabelecidos por Rothstein não foram seguidos por todos os autores que se debruçaram sobre o tema. Com base em Napoli (1989), Den Dikken (2006) diferencia os dois tipos de

predicação considerando se o tempo em que a predicação ocorre é finito ou infinito (*tensed* ou *tenseless*). Para o autor, a predicação primária é a relação entre o sujeito e o predicado matriz da sentença, oracional e finita. A predicação secundária, por outro lado, ocorre em ambientes não finitos e envolve a formação de SC. Portanto, conforme os critérios desse autor, SC e predicação secundária não se opõem entre si.

Para definir as construções de predicação secundária nesta pesquisa, estamos adotando a proposta de Rothstein. Ou seja, estamos considerando que as *small clauses* não compõem o quadro de predicação secundária.

Dentro do quadro de predicação secundária, Rothstein (1983) distingue dois grupos que demandam análise sintática e semântica diferentes: a predicação secundária do sujeito e a predicação secundária do objeto⁸.

(11) a. João [dirigiu o carro] [bêbado]]

b. Maria [comeu a cenoura] [crua]]

Em (11a), o DP *João* recebe dois papéis temáticos: um proveniente de *dirigir o carro* e outro de *bêbado*. Neste caso, *bêbado* é um predicado secundário do sujeito *João*. Em (11b), o DP *a cenoura* também recebe dois papéis temáticos: um proveniente de *comer* e outro do AP *crua*. *Crua* é então um predicado secundário do objeto *a cenoura*. Os dados que compõem o *corpus* deste trabalho são compostos por estruturas como a de (11b), sendo assim, nosso escopo recai somente sobre predicados secundários do objeto, aos quais iremos nos referir como predicados depictivos.

Há uma grande discussão na literatura a respeito dos predicados depictivos (Demonte, 1987; Jackendoff, 1990; Rapoport, 1991; McNally, 1992). Esses predicados são compostos por uma estrutura V DP AP, em que o AP predica do DP. Esses predicados podem ainda se dividir em dois grupos: o dos predicados que

⁸ Foltran (1999) organiza a nomenclatura da seguinte forma: “usam-se os termos predicado secundário do sujeito, predicado secundário orientado para o sujeito e predicado secundário circunstancial para se referir ao adjetivo. No outro caso, a nomenclatura vai ser predicado secundário do objeto, predicado secundário orientado para o objeto e predicado secundário depictivo para o adjetivo que predica do objeto direto” (Foltran, 1999, pág. 49). Em nota, a autora atenta que não há um consenso para a utilização desses termos. Tendo em vista que esta pesquisa se detém nas construções relacionadas ao objeto, usarei os termos *predicado secundário do objeto* e *predicado secundário depictivo* como sinônimos.

descrevem o objeto no momento em que ocorre a ação denotada pelo verbo, como vimos em (11b); e os predicados que descrevem o estado de um argumento que resulta da ação denotada pelo verbo, chamados de predicados resultativos.

Demonte (1987) afirma que os predicados depictivos são caracterizados por situações temporárias, isto é, eles descrevem o estado do objeto no momento em que a ação acontece. Os resultativos, ao contrário, se referem ao momento final, ocorrem apenas quando determinada ação é finalizada. Para Demonte, essa divisão é baseada especialmente na interpretação semântica que esses predicados podem receber. Os predicados resultativos só podem ser aplicados ao objeto direto. Sua função é descrever o resultado final do objeto direto, apresentando o resultado de um processo expresso pelo verbo matriz, como mostra o exemplo clássico em (12):

(12) He painted the house yellow

Knöpfle (2014) argumenta que as construções resultativas podem ser encontradas em línguas como o inglês, alemão e holandês, mas que línguas românicas como o português não licenciam esse tipo de estrutura. A autora mostra que as estruturas do PB semelhantes às resultativas nas línguas germânicas possuem características sintáticas e morfológicas diferentes, portanto, trata-se de outro tipo de estrutura. Não trataremos deste tipo de estrutura nesta pesquisa.

2.2 Leitura predicativa *versus* Leitura atributiva

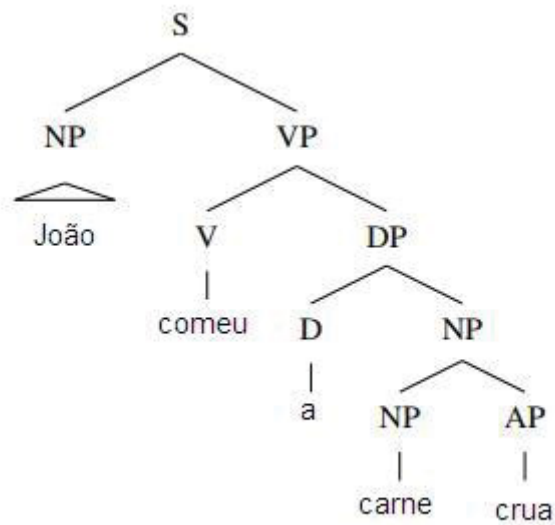
Há uma ambiguidade inerente aos dados de predicação secundária no PB. Isso acontece porque a posição pós-nominal do adjetivo é compatível tanto com a estrutura predicativa quanto atributiva. O objetivo desta subseção é esclarecer qual interpretação estamos considerando nos dados que compõem o *corpus* deste trabalho.

Considere o exemplo clássico em (2), repetido aqui como (13), para elucidar as leituras possíveis:

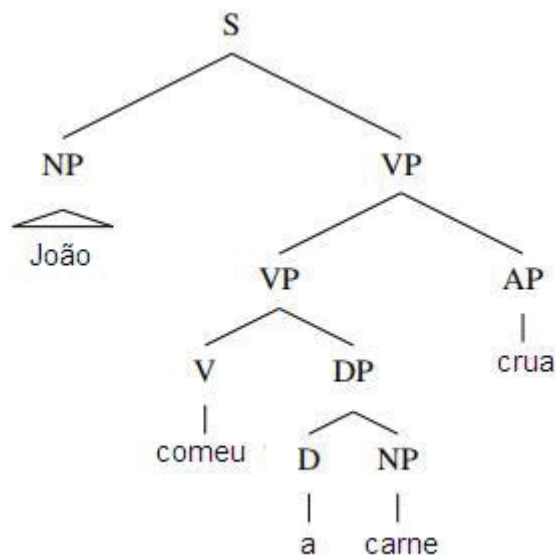
(13) João comeu a carne crua

Na sentença em (13), a ambiguidade ocorre porque o AP *crua* pode tanto fazer parte de um sintagma nominal [a carne crua] como pode ser um constituinte a parte [a carne] [crua]. No primeiro caso, temos a interpretação atributiva, na qual o adjetivo fica dentro dos limites do DP. No segundo caso, temos a interpretação predicativa, em que o adjetivo configura o núcleo de um constituinte separado. Isso está ilustrado, respectivamente, nas árvores em (14a) e (14b):

14. a)



b)



Essa ambiguidade pode ser desfeita com testes de constituintes como passivização, topicalização e clivagem (Foltran, 1999) conforme mostram os exemplos (15) e (16) abaixo. Em (15), o constituinte movido é *a carne crua*, o que configura a leitura atributiva. Em (16), o que se move é somente o AP *crua*.

- (15) a. A carne crua foi comida pelo João.
b. A carne crua, o João a comeu.
c. Foi a carne crua que o João comeu.

- (16) a. A carne foi comida crua pelo João.
b. A carne, o João a comeu crua.
c. Foi a carne que o João comeu crua.

Para entender as duas leituras, podemos dizer que, no primeiro caso, que corresponde à leitura atributiva, *a carne crua* já está presente no universo do discurso - já se sabia que havia uma carne crua. No segundo caso, que corresponde à leitura predicativa, somente a carne está no universo do discurso - a informação de que ela estava crua é nova, ou seja, o fato de ela estar crua está atrelado com o evento de comer. Schultze-Berndt & Himmelmann (2004) fazem uma observação importante a respeito da relação que o AP estabelece nas duas diferentes leituras. Para esses autores, na estrutura com o adjetivo atributivo o AP faz parte do DP, já que se remete exclusivamente a ele e não mantém nenhum vínculo com o VP. Por outro lado, a estrutura predicativa permite com que o AP seja analisado como parte do VP, tendo em vista que ambos estão ligados ao tempo expresso pelo predicado matriz (ver as árvores acima).

Neste trabalho, iremos considerar apenas as construções em que os adjetivos têm leitura predicativa. Portanto, a interpretação relevante para as sentenças ambíguas presentes nesta dissertação será sempre a predicativa.

2.3 Propriedade *Stage Level* e *Individual Level*

Em geral, assume-se que são os adjetivos *stage level* que ocorrem como predicados secundários. Nesta seção, mostraremos qual a configuração que um

adjetivo precisa ter para que possamos considerá-lo *stage level* e explicaremos por que somente este tipo de adjetivo pode aparecer em construções de predicação secundária.

Segundo Carlson (1977), indivíduos acontecem no mundo enquanto estágios. Um estágio é a relação espaço-temporal de um indivíduo. Os sintagmas verbais são classificados, pelo mesmo autor, em dois tipos: predicados de indivíduos e predicados de estágio. Grosso modo, podemos associar isso com predicados que denotam propriedades permanentes e predicados que denotam propriedades transitórias. Esses sentidos, respectivamente, correspondem a propriedades *Individual Level* e *Stage Level*. Podemos dizer que, numa língua como o português, essa diferença é lexicalizada por meio das cópulas *ser* e *estar*. As construções de predicação secundária licenciam apenas propriedades *stage level*.

(17) a. Eu encontrei [este livro] [aberto].

b. *Eu encontrei [este livro] [difícil].

Em (17a), o AP *aberto* tem características passageiras, portanto um predicado *stage level* (eu encontrei o livro e o livro estava aberto). Já *difícil*, configura uma propriedade permanente, portanto, *individual level* (o livro é difícil). Marcamos (17b) como inaceitável enquanto predicação secundária porque só é possível extrair a leitura atributiva dessa construção, em que *difícil* indica uma propriedade inerente do livro.

Entretanto, a distinção entre esses dois tipos de predicados não é suficiente para explicar as restrições que ocorrem em dados de predicação secundária no PB. Foltran (1999) atenta para o fato de que, na verdade, a restrição de um adjetivo enquanto predicado secundário não está relacionada ao adjetivo por si só, mas sim à leitura *individual level* que se faz desse adjetivo. Nesse sentido, a autora mostra que qualquer adjetivo é admitido na predicação secundária desde que a interpretação deste adjetivo veicule a propriedade *stage level*. Os adjetivos que expressam nacionalidade, por exemplo, são considerados *individual level*, mas podem ter leitura de estágio na predicação secundária, como ilustra Foltran:

(18) Ele voltou americano.

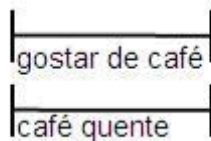
Foltran (1999), com base em Rapoport (1991), Kratzer (1989) e McNally (1997), mostra que a propriedade *stage level* do adjetivo não é suficiente para licenciar construções predicativas depictivas. Segundo a autora, é necessário uma conexão entre as propriedades de estágio denotadas pelo predicado matriz e o predicado depictivo.

Para Rapoport (1991), as propriedades de estágio de um predicado são representadas na estrutura- desse predicado. A estrutura- compreende uma estrutura de argumento e uma estrutura de evento. Os predicados *stage level* possuem uma posição para evento, denominada posição-e (Davidson, 1980), ao passo que os predicados *individual level* não possuem essa posição. A proposta de Rapoport é que a posição-e do verbo matriz esteja ligada à posição-e do predicado depictivo por um princípio de licenciamento. Nesse sentido, a posição-e licencia o predicado secundário. Porém, como mostra Foltran (1999), essa hipótese não é capaz de explicar a aceitabilidade de dados como (19), em que o predicado matriz é *individual level*:

(19) Eu gosto do meu café quente

Com base em McNally (1997), Foltran explica a aceitabilidade de sentenças como (19) afirmando que a distinção de *individual level* x *stage level* se explica em termos de inferência de continuidade temporal. Isso quer dizer que predicados *individual level* carregam consigo uma inferência de que ocorrem de forma contínua em relação aos indivíduos aos quais se aplicam, o que não ocorre com predicados *stage level*. Quando o predicado matriz é *individual level* e o predicado depictivo é *stage level* ocorre uma relação causal afetiva ou hipotética (Foltran, 1999). O dado em (19) representa uma relação causal hipotética (Eu gosto do meu café se ele estiver quente). Em casos como esse, o predicado matriz se sustenta somente durante o tempo em que o predicado depictivo se aplica ao seu argumento (Foltran, 1999, pág. 172), e, neste sentido, podemos dizer que há uma relação de sobreposição temporal exata. Em relação a essa sobreposição temporal, Foltran sugere a representação em (20), em que as linhas indicam o tempo expresso pelos predicados:

20)



A sobreposição temporal exata entre dois predicados, como em (20), não pode ser confundida com uma relação temporal equivalente, como no dado em (21) retirado de Foltran (1999):

(21) *Eu gosto do meu café brasileiro (na leitura relevante)

A sentença acima é composta por dois predicados *individual level* o que faz com que tenham um valor temporal equivalente. Não é possível restringir um intervalo de tempo no predicado matriz a partir da duração do predicado secundário porque os predicados *individual level* apresentam uma continuidade temporal não limitada, o que impossibilita demarcar um intervalo de tempo sobre o qual a atribuição do predicado principal se aplica.

Em resumo, mostramos nesta subseção que a restrição de sentenças enquanto predicação secundária não está relacionada somente ao predicado secundário, mas também ao verbo matriz. É necessária uma conexão entre o tempo denotado pelos dois predicados, de forma que o predicado secundário possa agir como restritor do tempo denotado pelo predicado primário. Neste momento, considerar que o predicado secundário precisa denotar uma leitura de estágio passageiro é suficiente para a compreensão dos dados aqui apresentados, mas voltaremos a tratar deste assunto ao longo desta dissertação.

3. As Classes Aspectuais dos Verbos

Mostramos que o predicado secundário e o predicado matriz precisam estar vinculados através de uma propriedade temporal. Como aponta Foltran (1999), um

estudo do aspecto lexical pode mostrar informações relevantes para a interpretação dessas construções.

Motut (2010) afirma que os predicados secundários orientados ao objeto são sensíveis à telicidade do verbo principal. Assim, é preciso considerar que o aspecto lexical interfere nessas construções. Esta seção está destinada a apresentar essas classes aspectuais.

Cançado e Amaral (2016) explicam que, instalado no verbo de uma forma intrínseca e sem nenhuma marcação morfológica, o aspecto lexical faz uso do tempo cronológico para mostrar como um evento acontece ou se desenvolve. O aspecto lexical não é uma categoria dêitica, já que não possui relação com o momento da fala. A interpretação aspectual é uma propriedade semântica determinada exclusivamente pelo significado do verbo. Os verbos podem pertencer a diferentes classes no que diz respeito ao aspecto lexical, como mostraremos a seguir. Precisamos, portanto, apresentar as principais características de cada classe aspectual é suficiente para que alcancemos nossos objetivos.

3.1 Propriedades das Classes Aspectuais

Embora existam outros sistemas de divisão das classes aspectuais (Comrie, 1976; Smith, 1991; Verkuyl, 1993, Bertinetto, 2001; etc.), o trabalho seminal de Vendler (1967) nos dá as bases necessárias para discutir essa questão.

Vendler expande os pensamentos do filósofo grego Aristóteles, de que os verbos seriam a expressão de dois fenômenos, um deles, de estados, e o outro, de processos. Vendler dividiu os verbos em quatro classes assim denominadas: *achievements*, *accomplishments*, atividades e estados

A teoria de Vendler estava baseada em um esquema que recorre ao tempo cronológico (*time*) para analisar o comportamento dos verbos. Conforme apontam Cançado e Amaral (2016), os princípios que caracterizam cada classe podem ser divididos em três pares: *estatividade x dinamicidade*; *pontualidade x duratividade* e *telicidade x atelicidade*.

Podemos classificar como estativo todo verbo que indica um estado que não sofre alteração em um período de tempo e dinâmico quando descreve um processo que progride no tempo. A pontualidade diz respeito a verbos que descrevem eventos

que ocorrem em um momento único, ao passo que a duratividade corresponde a eventos que se estendem por determinado período de tempo. Por fim, a telicidade diz respeito ao fato de o verbo apresentar um final determinado, enquanto os verbos atélicos não dispõem dessa característica.

Esses valores aspectuais podem ser resumidos na seguinte tabela, adaptada de Wachowicz e Foltran (2006):

	Dinâmico	Durativo	Télico
Estados	-	+	-
Atividades	+	+	-
Accomplishments	+	+	+
Achievements	+	-	+

Para entender melhor a tabela acima, vamos analisar as propriedades dos verbos separadamente.

3.1.1 Verbos de estado

Os verbos de estado não são dotados de processos que se desenvolvem no tempo e não são agentivos. Além disso, esses verbos não apresentam um fim natural definido. De acordo com Vendler (1967), em geral, esses verbos designam qualidades como *estar cansado*, *estar doente* e também hábitos, ocupações e habilidades, como mostra o exemplo em (22)

(22) Maria sabe francês

(22) retrata uma eventualidade⁹, termo que abstrai a diferença entre dinamicidade e não dinamicidade, que não se desenvolve no tempo, pois uma vez que é atribuída à Maria a propriedade de saber francês, essa propriedade não sofre nenhuma alteração em um dado intervalo de tempo.

Os verbos de estado não constituem uma resposta adequada para a pergunta “o que os alunos fazem?”. Observe esse teste aplicado ao verbo de estado em (22a) em oposição ao verbo de atividade em (22b).

⁹ Bach (1996) usa o termo *eventualidade* para as quatro classes vendlerianas.

- (22) a. O que os alunos fazem?
 **Os alunos sabem francês.*
 b. O que os alunos fazem?
 Os alunos correm na sala.

O teste em (22) evidencia a dinamicidade da situação. Uma resposta adequada à pergunta “o que os alunos fazem?” não pode conter propriedade estativa.

3.1.2 Verbos de atividade

Os verbos de atividade apresentam situações dinâmicas que se desenvolvem no tempo, porém, não possuem um ponto final natural. São, portanto, dinâmicas, durativas e atéticas (Smith, 1997). Os verbos de atividade são agentivos e envolvem atividade físicas ou mentais. Em geral, as atividades são caracterizadas por algum tipo de força ou movimento, como ilustrado em (23).

(23) João correu no parque.

Diferente dos estados, uma vez iniciados, os verbos de atividade apresentam uma progressão no tempo. A sentença em (23) é verdadeira se teve um início e se a cada instante que passa, João percorre um trecho da corrida. Ao contrário dos estados, é possível interromper uma atividade. Podemos dizer que João vai parar de correr, mas não podemos dizer que Maria vai parar de saber francês (Wachowicz e Foltran, 2006).

Vendler (1967) e Dowty (1979) sugerem o teste do paradoxo do imperfectivo para os verbos de atividade. Esse teste tem a finalidade de verificar se a sentença acarreta uma sentença no aspecto perfectivo, marcada com o pretérito perfeito. Os verbos de atividade precisam acarretar uma sentença perfectiva, como ilustrado em (24a) em oposição ao *achievement* em (24b):

- (24) a. Está chovendo em Manaus → Choveu em Manaus
 b. João estava construindo a casa → João construiu a casa

3.1.3 Verbos *accomplishments*

Conforme define Vender (1967), os *accomplishments* são processos compostos por estágios sucessivos. Além disso, apresentam dinamicidade e duração nos seus eventos, e são dotados de um ponto télico. É possível distinguir um início e um final natural nos verbos dessa classe. Considere o exemplo (25):

(25) Maria caminhou até o mercado

A sentença em (25) é dotada de um ponto terminal, e é justamente isso que nos permite caracterizá-la como *accomplishment*. Sem a indicação de um final, a sentença em (25) seria classificada como atividade, porque a dinamicidade permaneceria, mas perderíamos o ponto télico.

Cançado e Amaral (2017) mostram que podemos testar os *accomplishments* adicionando elementos na sentença que marquem um ponto inicial e um ponto final, como a expressão *em dez minutos*. Considere o *accomplishment* em (26a) em oposição ao verbo estativo em (26b):

- (26) a. Maria caminhou até o mercado *em dez minutos*
b. *Maria nadou *em dez minutos*.¹⁰

3.1.4 Os verbos *achievements*

Os verbos de *achievement* denotam uma mudança instantânea e ocorrem em um único intervalo de tempo. Esses verbos atingem um resultado final, portanto, são caracterizados como télicos. Dowty (1979) aponta que os *achievements* são eventos simples, isto é, não são compostos por subeventos, mas apenas pelo evento de resultado. Os verbos dessa classe apresentam o desfecho de uma ação, como ilustrado em (27):

(27) O homem chegou no trabalho

¹⁰Essa sentença só é possível se inferirmos um sintagma de medida que dê a extensão do evento, como *Maria nadou 100m em dez minutos*.

(27) tem características instantâneas. No mesmo momento em que a ação é iniciada, é também concluída. *Chegar* ocorre em um momento único, por isso o classificamos como *achievement*.

Com base em Rothstein (2004), Bertucci (2011) mostra que os *achievements* são compatíveis com expressões *às x horas* por serem eventualidades inerentes e pontuais. Com os verbos *achievements*, essa expressão indica o momento exato da mudança de estado:

(28) O homem chegou no trabalho às 9 horas.

Essa síntese das classes vendlerianas apresentadas nesta subseção é suficiente para guiar a leitura deste trabalho, especialmente do próximo capítulo. Essas definições são importantes porque serão a base para a análise da classe aspectual de *guardar*, *tampar* e *abrir*. No capítulo, detalharemos os testes aplicados a cada classe aspectual e os aplicaremos aos verbos que norteiam nossa pesquisa.

CONCLUSÕES PARCIAIS

As seções precedentes foram cruciais para que pudéssemos traçar o recorte deste trabalho. Algumas definições aqui apresentadas servirão de base para a leitura dos próximos capítulos, por isso iremos retomar os pontos principais.

Primeiramente, apresentamos alguns conceitos de predicação. Vimos que se trata de um termo utilizado por filósofos gregos como Platão e Aristóteles referindo-se não só a conceitos linguísticos, mas também conceitos lógicos. A complexidade de definir o que é predicação se justifica pelas diferentes abordagens que o tema recebe na linguística. Diante disso, estamos assumindo, juntamente com Rothstein (2001), que as línguas naturais têm constituintes abertos que precisam ser saturados, os predicados, e constituintes fechados que servem para saturar, argumentos. Tendo apresentado este conceito, pudemos isolar o tema com qual estamos trabalhando: a predicação secundária.

Apresentamos a distinção entre as construções de predicação primária e predicação secundária proposta por Rothstein (2001) e mostramos que, nas

construções de predicação secundária, o DP recebe dois papéis temáticos: um proveniente do predicado matriz e outro proveniente do adjetivo. A partir disso, mostramos que estamos trabalhando com um tipo particular de predicado, a que chamamos de predicado secundário depictivo. Esses predicados são compostos por uma estrutura V DP AP em que o AP predica do DP. Ressaltamos que estamos excluindo de nossa análise as construções resultativas. A esse respeito, remetemos o leitor a Knopfle (2014).

Mostramos que, no PB, estruturas de predicação secundária apresentam uma ambiguidade proveniente da posição pós-nominal do adjetivo. Procuramos deixar claro que somente a leitura predicativa - aquela em que o adjetivo se encontra fora dos limites de um DP - será considerada neste trabalho.

Com relação aos adjetivos que compõem o quadro dos predicados secundários, mostramos que, em geral, possuem características transitórias. Esses adjetivos ocorrem com a cópula *estar* e são denominados *Stage Level*. Vimos ainda que há casos em que adjetivos com características permanentes - *individual level* - podem aparecer como predicado secundário e que o predicado matriz é o responsável por licitar essa posição.

Nessas circunstâncias, formulamos a hipótese de que o aspecto verbal poderia influenciar na aceitabilidade das sentenças que serão analisadas neste trabalho, por isso, no final deste capítulo apresentamos as quatro classes aspectuais definidas por Vendler (1967): estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. A definição dessas classes é importante porque serve de base para questões que serão respondidas no decorrer desta dissertação.

CAPÍTULO II

Este capítulo está destinado a investigar a inaceitabilidade de determinadas construções de predicação secundária.

Nesta dissertação, não vamos nos debruçar sobre a sintaxe das construções predicativas. Conforme orienta a literatura sobre o tema, os problemas que estamos nos propondo a investigar são eminentemente de ordem semântica (Rothstein, 1983, 2004; Rapoport, 1990; Foltran, 1999, 2002). Sendo assim, vamos nos restringir a um estudo sob a ótica das particularidades semânticas dessas estruturas. O debate a esse respeito ganha novas perspectivas à medida que novos dados são analisados conforme esse viés. Nosso intuito é contribuir com a discussão já existente, corroborando com algumas análises e refutando outras.

Com relação às características semânticas dessas estruturas, dissemos no capítulo anterior que o predicado secundário precisa denotar uma leitura *stage level* para que uma sentença com predicado secundário não sofra restrição. Dissemos também que o predicado secundário precisa estabelecer uma conexão com o verbo matriz para que se tenha a leitura prediativa da sentença. No entanto, essas constatações não são suficientes para explicar a inaceitabilidade dos dados em (2) em relação aos dados em (1):

- (1) a. João guardou a panela amassada
- b. João tampou a panela quente
- c. João abriu a panela molhada

- (2) a. *João tampou a panela amassada
- b. *João abriu a panela amassada

Os dados acima mostram que o adjetivo *amassada* pode veicular leitura prediativa em construções com o verbo *guardar*, mas não apresenta essa leitura com os verbos *tampar* e *abrir*, conforme ilustrado em (2a-b). Por outro lado, os verbos *tampar* e *abrir* podem aparecer em contextos prediativos com adjetivos do tipo *quente* e *molhada*, como ilustrado em (1b-c).

O fato de que um predicado depictivo precisa ser *stage level* não dá conta de explicar a inaceitabilidade dos dados (2a-b), já que ambos são *stage level*. Isso nos

direciona a pensar que a restrição dessas sentenças está relacionada a uma falha na conexão de tempo expressa pelos dois predicados. Nosso objetivo é investigar qual o fator responsável por essa conexão entre o tempo expresso pelo predicado matriz e pelo predicado secundário.

Para realizar essa investigação, nos pautaremos nos estudos de decomposição lexical de Cançado e Amaral (2016), nos trabalhos de Rapoport (1990), e Rothstein (2004). Em relação a este último, o trataremos de forma sucinta neste capítulo e reservaremos o próximo capítulo para examiná-lo mais minuciosamente. Vamos argumentar a favor da conexão temporal entre os predicados como sugere Foltran (1999), e vamos mostrar que a análise proposta por Rapoport (1990) não se sustenta com os dados que estamos trabalhando.

O primeiro passo para cumprir nosso objetivo é analisar separadamente os verbos com os quais estamos trabalhando. Assim, as perguntas a que nos propomos responder são: (i) os verbos analisados nesta pesquisa pertencem à mesma classe aspectual?; (ii) há uma característica semântica particular que faz com que *guardar* licite contextos predicativos com mais autonomia que os demais verbos?

Para responder a essas perguntas, este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 1, vamos apresentar os dados que compõem a base empírica deste trabalho. A partir da análise do comportamento desses dados, propomos caminhos que podem dar conta de explicar a inaceitabilidade de algumas sentenças.

Mostraremos também que construções predicativas com os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* carecem de explicação. Esses três verbos são classificados como pertencentes à classe aspectual dos *accomplishments* em Cançado e Amaral (2017). Por pertencerem à mesma classe, a expectativa era de que esses verbos se comportassem da mesma maneira nas sentenças de PS. Entretanto, os dados mostram que é mais fácil aceitar a leitura predicativa com *guardar* do que com *tampar* e *abrir*. Por esse motivo, buscamos investigar se realmente esses seriam verbos de uma mesma classe aspectual. Essa investigação será apresentada na seção 2.

Na seção 3, apresentamos a decomposição lexical dos predicados. Decompomos os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* para verificar se isso daria conta de explicar por que as sentenças com o verbo *guardar* licenciam com mais facilidade predicados secundários. Este tipo de análise é relevante porque a decomposição de

predicados não mostra apenas a semântica dos participantes do evento, como faz a grade temática, mas mostra a semântica do evento propriamente dito. Vamos mostrar que os três verbos decompostos são verbos de mudança. Rapoport (1990) afirma que os verbos de mudança podem hospedar depictivos sem nenhuma restrição, mas essa afirmação não se sustenta com nossos dados. Mostraremos esse estudo na seção 4.

1. Os dados de análise

Como já mencionamos, nossa proposta é investigar como deve ser a relação entre o predicado secundário e o predicado matriz para que uma sentença seja plenamente aceitável enquanto predicação secundária. Durante a construção do *corpus* para análise, nos detivemos em três verbos: *guardar*, *tampar* e *abrir*. A escolha desses verbos se fundamenta no pressuposto de que objetos diretos diferentes podem influenciar no julgamento de aceitabilidade das sentenças. Assim, selecionamos verbos que permitissem um mesmo objeto direto. Além disso, os três verbos selecionados pertencem à classe dos *accomplishments*¹¹ (Cançado e Amaral, 2016) e por isso a expectativa era de que se comportassem da mesma maneira nas construções predicativas, mas não é o que ocorre. Observe o comportamento desses verbos com o predicado depictivo *amassada*, seguidos de uma paráfrase que evidencia a leitura predicativa:

- (3) a. João guardou a caixa amassada
Foi a caixa que João guardou amassada
- b. * João abriu a caixa amassada
** Foi a caixa que João abriu amassada*
- c. * João tampou a caixa amassada
** Foi a caixa que João tampou amassada*

¹¹ Na próxima seção, faremos um estudo detalhado da classe aspectual desses verbos.

Na sentença em (3), o adjetivo veicula uma interpretação predicativa: havia uma caixa no contexto e essa caixa estava amassada quando foi guardada pelo João. Já nas sentenças em (3b-c), a interpretação atributiva - aquela em que dentre várias caixas disponíveis, a que o João tampou/abriu estava amassada - é a que está em evidência.

A dificuldade em marcar as sentenças (3b-c) como aceitáveis enquanto predicação secundária certamente não está relacionada ao predicado depictivo, já que este mesmo predicado é licenciado como predicado secundário, como em (3a). Dessa forma, a causa da inaceitabilidade das sentenças (3b-c) recai sobre o predicado matriz. Porém, essa ideia é refutada quando alteramos o predicado depictivo, pois as sentenças com os verbos *tampar* e *abrir* passam a ser plenamente aceitáveis.

(4) a. João guardou a caixa molhada *Foi*
a caixa que o João guardou molhada

b. João tampou a caixa molhada
Foi a caixa que o João tampou molhada

c. João abriu a caixa molhada
Foi a caixa que o João abriu molhada

A questão que se levanta a partir desses dados é quais seriam as características presentes no AP *molhada* que permitem que esse adjetivo apareça em contextos predicativos onde outros adjetivos, como *amassada*, não aparecem? O traço *stage level* presente em *molhada* se dá da mesma forma em *amassada*?

Nossa intuição é de que existem adjetivos *stage level* que não possuem um traço *stage level* suficientemente passageiro. O que estamos chamando de *suficientemente passageiro* está relacionado a quando o evento denotado pelo adjetivo se direciona para um final natural. Por exemplo, sabemos que quando algo está molhado, deverá secar em um determinado momento, por isso o evento denotado por *molhado* apresenta um final natural. Já se algo está amassado, não se tem evidências de que deixe de estar amassado em determinado momento - a

menos que isso seja explicitado no contexto -, por isso o evento denotado por *amassado* não apresenta claramente um final natural. Nesse sentido, *amassado* não possui um traço suficientemente passageiro. Consideramos que essa característica possa ser responsável pela inaceitabilidade de algumas sentenças, mas essa hipótese ainda demanda uma análise mais refinada. Discutiremos isso no próximo capítulo.

Em nossa análise, constatamos que o verbo *guardar* se encaixa com mais facilidade em sentenças com predicado secundário, aceitando tanto as paráfrases predicativas a seguir em (i) quanto as atributivas em (ii). Em contrapartida, tendemos a preferir a paráfrase em (ii) nas sentenças com os verbos *tampar* e *abrir*. Essa constatação apresenta exceções com adjetivos específicos, cujas particularidades iremos investigar ao longo deste trabalho, como é o caso de *amassada* em (3) e *molhada* em (4).

(5) a. Maria guardou o pote quente

(i) *Foi quente que a Maria guardou o pote*

(ii) *Foi o pote quente que Maria guardou*

b. Maria tampou o pote quente

(i) *Foi quente que a Maria tampou o pote*

(ii) *Foi o pote quente que Maria tampou*

c. Maria abriu o pote quente

(i) *Foi quente que a Maria abriu o pote*

(ii) *Foi o pote quente que Maria abriu*

(6) a. Maria guardou o pote sujo

(i) *Foi sujo que a Maria guardou o pote*

(ii) *Foi o pote sujo que Maria guardou*

b. Maria tampou o pote sujo

(i) * *Foi sujo que a Maria tampou o pote*

(ii) *Foi o pote sujo que Maria tampou*

c. Maria abriu o pote sujo

(i) * *Foi sujo que a Maria abriu o pote*

(ii) *Foi o pote sujo que a Maria abriu*

(7) a. Maria guardou o pote vazio

(i) *Foi o pote vazio que a Maria guardou o pote*

(ii) *Foi o pote vazio que a Maria guardou*

b. Maria tampou o pote vazio

(i) **Foi vazio que a Maria tampou o pote*

(ii) *Foi o pote vazio que a Maria tampou*

c. Maria abriu o pote vazio

(i) **Foi vazio que a Maria abriu o pote*

(ii) *Foi o pote vazio que a Maria abriu*

Esses dados nos mostram que o predicado matriz *guardar* é mais afeito a hospedar depictivos, já que nenhum dado que continha esse verbo apresentou inaceitabilidade. Os predicados matriz *tampar* e *abrir*, por outro lado, exigem tipo específico de depictivo para que se tornem construções de predicação secundária aceitáveis. Isso nos direciona a dois caminhos: compreender as especificidades dos adjetivos que são aceitáveis em qualquer contexto e investigar as características do predicado matriz para que possa hospedar um predicado depictivo sem restrição.

Vamos buscar uma explicação coerente para as restrições dos dados apresentados nesta seção. Começaremos pela análise da classe aspectual dos verbos, na seção seguinte.

2. Determinando a Classe Aspectual

No primeiro capítulo, apresentamos as classes aspectuais em que se dividem os verbos: estado, atividade, *achievement* e *accomplishment*. Dissemos, com base em Vendler (1967) e Cançado e Amaral (2016), que essas classes são divididas de acordo com princípios de *estatividade* x *dinamicidade*, *pontualidade* x *duratividade* e

telicidade x *atelicidade*. Assim, os verbos de estados apresentam características [-dinâmico/télico] e [+durativo], os verbos de atividade são [+dinâmico/durativo] [-télico], os achievements são [+dinâmico/télico] e [-durativo] e os accomplishments são [+dinâmico/télico/durativo].

Em Cançado e Amaral (2017), verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* são classificados como pertencentes à classe dos *accomplishments*. Entretanto, vimos que esses verbos se comportam de maneira diferente nas construções de predicação secundária, porque apresentam restrições em alguns contextos e não em outros. Tais restrições são fruto da relação entre o predicado matriz e o predicado secundário e podem estar relacionadas ao tempo expresso pelo predicado matriz. A questão que se coloca nesta seção é: *guardar*, *tampar* e *abrir* pertencem, de fato, à mesma classe aspectual?

Existe uma série de testes que podemos utilizar para classificar os verbos dentro de uma classe aspectual. Aqui, mostraremos esses testes aplicando-os aos três verbos objetos desta pesquisa.

Na seção anterior, vimos que o predicado matriz *guardar* parece carregar características peculiares que o difere dos demais verbos selecionados para análise. Isso impede de assumir categoricamente a semelhança desses verbos em relação à classe aspectual. Por este motivo, nesta seção propomos que esses verbos sejam submetidos a testes que distinguem as classes aspectuais. Para realizar esses testes, partiremos dos trabalhos de Cançado e Amaral (2016) e Bertucci (2011) que englobam as propostas de Vendler (1967), Comrie (1976), Dowty (1979), Smith (1997), Levin e Rappaport Hovav (2005), entre outros. Primeiro, apresentaremos os exemplos clássicos da literatura e em seguida, testaremos nossos dados.

Conforme sugerem Cançado e Amaral (2016), para testar os verbos de estado, podemos adicionar expressões que denotem duração de tempo, já que esses verbos apresentam duratividade. As expressões *quando era criança* e *durante x anos* denotam a duratividade dos eventos. *Guardar*, *tampar* e *abrir* não passam nesse teste, portanto, não podem ser verbos de estado:

- (8) a. João tinha esse brinquedo *quando era criança*.
- b. Esse cargo pertenceu ao João *durante 5 anos*.

- (9) a. *João guardou esse brinquedo *durante 5 anos*.¹²
b. *O João tampou a caixa de sapato *durante 5 anos*.
c. *A Maria abriu a caixa de sapato *durante 5 anos*.

Os verbos de estado não podem ter uma interpretação de habitualidade e essa seria a única interpretação possível para as sentenças em (9). Já que os estados descrevem situações estáticas, a leitura iterativa não pode ser considerada neste teste. Além disso, não denotam progressão no tempo, por isso são inaceitáveis com a perífrase de gerúndio.

- (10) a. Minha mãe tem uma casa na praia (*todos os anos)
b. *Minha mãe está tendo uma casa na praia.
c. Este carro pertencia ao José (*todos os anos)
d. *Este carro estava pertencendo ao José.

Guardar, tampar e abrir podem ocorrer na forma gerundiva e apresentarem leitura habitual, o que reforça a tese de que não podem ser classificados como estados.

- (11) a. João guarda aquele brinquedo (*todos os dias*)
b. João está guardando o brinquedo.
c. João tampa a panela de arroz (*todos os dias*)
d. João está tampando a panela de arroz
e. Maria abre a caixa de correio (*todos os dias*)
f. Maria está abrindo a caixa de correio

¹²Veja que poderíamos dizer *Meu filho guardou esse brinquedo durante 5 anos*, mas, nesse sentido, o verbo *guardar* toma o sentido de *preservar/conservar* e não de *pôr em lugar apropriado* como estou considerando nesta pesquisa. O mesmo serve para expressões como *guardar mágoa*, *guardar dinheiro* (no sentido de reter), *guardar rancor*, etc.

O teste em (11) prova que *guardar*, *tampar* e *abrir* não são verbos de estado porque são dotados de dinamicidade. Como vimos, a classe dos estados inclui apenas verbos [-dinâmicos].

Em relação aos verbos de atividade, o teste do *paradoxo do imperfeito*, sugerido por Dowty (1979), evidencia a dinamicidade e atelicidade das atividades. Esse teste consiste em formular uma sentença no aspecto contínuo, marcando o verbo com o gerúndio, e tem a finalidade de verificar se tal sentença acarreta uma sentença no aspecto perfectivo. Para que um verbo seja considerado atividade, é necessário que acarrete uma sentença perfectiva, que é marcada pelo pretérito perfeito, conforme ilustrado em (12).

(12) a. Está chovendo em Manaus → Choveu em Manaus.

b. Eles estão dançando → Eles dançaram.

c. As crianças estavam chutando a bola → As crianças chutaram a bola.

Para as classes télicas, que é o caso dos *achievements* (13b) e *accomplishments* (13a-c), o acarretamento não é verdadeiro.

(13) a. João estava construindo a casa ➔ João construiu a casa

b. Eu estava chegando em casa ➔ Eu cheguei em casa

c. Maria estava comendo uma maçã ➔ Maria comeu a maçã

Os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* não acarretam sentenças na forma perfectiva. Dessa forma, não podemos classificá-los como atividades:

(14) a. Eu estava guardando o brinquedo ➔ Eu guardei o brinquedo

b. Eu estava tampando a caixa ➔ Eu tampei a caixa

c. Eu estava abrindo a mala ➔ Eu abri a mala

Quanto aos verbos do tipo *accomplishment*, apresentaremos três testes. Com o primeiro, sugerido por Cançado e Amaral (2016), estaremos evidenciando a

propriedade [+durativo] dos *accomplishments*. Porém, veremos que este teste pode apresentar falhas em alguns casos, pois alguns verbos de atividade podem apresentar bons resultados. Faremos então um segundo teste, proposto por Dowty (1979), que diferencia *accomplishments* de atividades. Com esse teste, vamos mostrar que, ao contrário do que assume a literatura, os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* não se encaixam na classe dos *accomplishments*.

Em relação ao primeiro teste, vamos inserir na sentença elementos que marquem um ponto inicial e um ponto final, tendo em vista que esses verbos são durativos e télicos.

- (15) a. João construiu a casa *em um ano*. b.
A criança comeu a maçã *em dez minutos*.

Os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* parecem ser aprovados nesse tipo de teste:

- (16) a. A criança guardou o brinquedo *em cinco minutos*.
b. Os operários tamparam o buraco *em uma tarde*.
c. João abriu a janela *em um minuto*.

Entretanto, como apontam Cançado e Amaral (2016), há situações em que alguns verbos de atividade ou *achievement* passam no teste acima. Por isso, o teste de *accomplishment* mais comum na literatura é o do advérbio *quase*, proposto por Dowty (1979). Ao inserirmos esse advérbio em sentenças com verbos do tipo *accomplishment*, estaremos diante de uma ambiguidade de escopo, conforme ilustram os exemplos em (17):

- (17) a. João quase construiu uma casa
b. A criança quase comeu a maçã

As sentenças acima nos permitem duas interpretações, a depender do escopo do advérbio *quase*. Em (17a), podemos dizer que João tinha a intenção de construir uma casa, mas mudou de ideia e nem começou a construção. Por outro lado, ainda em (17a), podemos dizer que o João começou a construir uma casa, mas não terminou. A mesma ambiguidade ocorre em (17b): podemos dizer que a

criança queria comer a maçã, mas mudou de ideia e não iniciou a ação, ou então que começou a comer a maçã, mas parou antes de comer completamente a fruta.

Para evidenciar essas leituras, veja as paráfrases a seguir, sugeridas por Cançado e Amaral (2016), em que (a) retoma as sentenças em (17), (i) evidencia a leitura de que a ação não foi iniciada e (ii) evidencia a leitura de que o agente inicia a ação, mas não atinge um ponto final:

(18) a. João quase construiu uma casa.

i. O que o João quase fez foi construir uma casa ii.

O que o João fez foi quase construir uma casa

(19) a. A criança quase comeu a maçã

i. O que a criança quase fez foi comer a maçã ii.

O que a criança fez foi quase comer a maçã

Se submetidas a esse teste, sentenças com verbos de atividade e *achievement* não apresentam ambiguidade. Vamos analisar agora se os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* também permitem essa ambiguidade de escopo:

(20) a. João quase guardou a louça.

b. O que João quase fez foi guardar a louça.

c. ?O que João fez foi quase guardar a louça¹³.

(21) a. João quase tampou a panela de arroz.

b. O que João quase fez foi tampar a panela de arroz.

c. *O que João fez foi quase tampar a panela de arroz.

(22) a. João quase abriu o presente do irmão.

b. O que João quase fez foi abrir o presente do irmão.

c. *O que o João fez foi quase abrir o presente do irmão.

¹³ O objeto “a louça” parece permitir essa paráfrase. Porém, ela seria inaceitável se alterássemos o objeto para “o carro”, por exemplo.

A ambiguidade de escopo nas sentenças acima é duvidosa. As sentenças (a) de (20), (21) e (22) mostram que é perfeitamente possível a leitura de que o agente não inicia a ação. Contextualizando, podemos pensar que em (20), João ia guardar a louça, mas precisou sair de casa antes de começar; em (21), o João ia tampar a panela, mas mudou de ideia e resolveu deixá-la aberta; e em (22), o João ia abrir o presente do irmão, mas mudou de ideia antes de começar e resolveu deixá-lo fechado.

É possível, porém, manipularmos o contexto a favor das sentenças representadas em (ii), mas parece ficar demasiadamente enviesado. Preferimos considerar que essas sentenças são inaceitáveis e que, de acordo com esse teste, *guardar*, *tampar* e *abrir* não são do tipo *accomplishment*.

Dessa forma, os testes apresentados aqui não nos permitem afirmar categoricamente que os verbos *guardar*, e principalmente, *tampar* e *abrir*, sejam do tipo *accomplishment* porque apresentaram resultados diferentes. Pelo contrário, os testes parecem fornecer informações suficientes para que consideremos que esses verbos pertençam a outra categoria.

Vamos agora analisar os *achievements*. Apresentaremos dois testes: o primeiro, com a expressão *às x horas* e o segundo com a expressão *parar de*. Veremos que os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* apresentam resultados diferentes no segundo teste, impossibilitando uma generalização a respeito da classificação desses verbos.

Bertucci (2011), com base em Rothstein (2004), mostra que os *achievements* são compatíveis com expressões como *às x tempo* por serem eventualidade inerentes e pontuais. Com os verbos *achievements*, essa expressão indica o momento exato da mudança de estado.

(23) a. João chegou às 9 horas.

Guardar, *tampar* e *abrir* são totalmente aceitáveis com esse teste:

- (24) a. João guardou a panela às 9 horas.
b. O João guardou o carro às 9 horas.

- (25) a. O João abriu o presente às 9 horas.
b. O João abriu a panela de arroz às 9 horas.

- (26) a. O João tampou o buraco às 9 horas.
b. O João tampou a panela de arroz às 9 horas.

Os eventos relacionados às sentenças (24), (25) e (26) são pontuais, por isso são compatíveis com a expressão *às x horas*. Se parássemos por aqui, poderíamos considerar os verbos analisados como *achievements*. Entretanto, há outra característica importante dos verbos *achievements*: esses verbos não apresentam intervalos internos, portanto, denotam eventos que não podem ser interrompidos.

Por possuírem essa característica, os *achievements* podem ser facilmente detectados no teste com a expressão *parar de*, proposto por Dowty (1979). Esse teste consiste em detectar a agramaticalidade de sentenças com a expressão *parar de*, que denota a interrupção de um evento. Como dissemos, os *achievements* não podem ser interrompidos, ao contrário dos estados como (28), atividades como em (29) e *accomplishments* como em (30).

- (27) a. *João parou de chegar no trabalho.
b. *A cerveja parou de gelar.
c. *O homem parou de morrer.

(28) João parou de amar Maria

(29) João parou de dançar tango

(30) João parou de construir a casa

Os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* se comportam de maneira diferente em relação à essa expressão:

- (31) a. João parou de guardar a louça
b. *João parou de guardar a panela

(32) a. João parou de tampar o buraco

b. *João parou de tampar a panela

(33) a. João parou de abrir o pacote

c. *João parou de abrir a panela

Um fato interessante é que os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* carregam traços muito peculiares. É possível pensar em começar a guardar a louça, começar a abrir o presente, e começar a tampar o buraco, mas estranho pensar em começar a guardar a panela, começar a abrir a panela e começar a tampar a panela. Assim, no sentido em que estão formuladas as sentenças apresentadas neste trabalho, *guardar*, *tampar* e *abrir* parecem pontuais e dotados de traços [-durativo] e [+télico]. Essas são características dos *achievements*, mas os testes mostraram que não é possível as classificarmos como pertencentes a essa classe.

Apesar de não obtermos um resultado preciso, os testes que apresentamos nesta seção nos mostram alguns caminhos. *Guardar*, *tampar* e *abrir* foram reprovados em todos os testes de verbos de estado e atividades, portanto, é possível afirmar com segurança que esses verbos não pertencem a nenhuma dessas duas classes.

Já nos testes de *accomplishment* e *achievement*, os verbos em questão passam com ressalvas, o que dificulta a classificação desses verbos em alguma dessas classes. Antes de encaixá-los em alguma classe vendleriana, é relevante notar que os três verbos se comportam da mesma maneira em todos os testes. Vamos assumir que esses verbos estão entre as classes dos *accomplishments* e *achievements*, mas atentamos para o fato de que essa classificação não é completamente segura e é discutível. A decomposição desses predicados pode ser o caminho para uma categorização mais precisa.

3. Decomposição de predicados

A discussão a respeito da decomposição de predicados foi alvo de muitos trabalhos na literatura (Lakoff, 1970; Ross, 1972; Jackendoff, 1990; Rappaport e Levin, 1998; Levin e Rappaport Hovav, 2005; Harley, 2005; Cançado, 2013; entre outros). Trata-se de uma linguagem semântica em que os elementos que dão

sentido ao verbo são representados por meio de unidades menores, denominadas primitivos semânticos¹⁴, que são estruturas que precisam ser saturadas por argumentos. Os argumentos podem ser variáveis, representadas pelas letras maiúsculas X, Y e Z; raízes, representadas, em letras maiúsculas, por categorias como <STATE>, <EVENT>, <THING>, <MANNER>, <INSRTUMENT> e <PLACE>; ou estruturas com predicados que já estão saturados. Uma estrutura saturada é sempre representada entre colchetes. A essa estrutura é dado o nome de constituinte semântico.

Os elementos semânticos que fazem parte de uma estrutura são baseados em evidências semânticas. Isso faz com que um mesmo verbo possa ter diferentes estruturas primitivas a depender do sentido em que está sendo analisado. Um verbo como *tomar*, por exemplo, apresenta diferentes sentidos no PB (*beber, pegar, preencher determinado espaço*, etc.) podendo ser analisado de diferentes formas.

Os verbos que iremos analisar na subseção seguinte também podem apresentar diferentes significados no PB, a depender do contexto em que estão inseridos. Nesta pesquisa, a denotação relevante para *guardar* é *colocar em lugar apropriado*; para *abrir*, *afastar algo daquilo que o fecha*; e *tampar*, *fechar com uma tampa*.

Para realizar a decomposição dos predicados, vamos nos basear nas estruturas apresentadas Cançado e Amaral (2017). De antemão, gostaríamos de deixar claro os predicados que compõem a estrutura dos verbos analisados neste trabalho: ACT, CAUSE, BECOME em todos os verbos; IN em *guardar*; e WITH em *tampar*.

Esses predicados precisam ser saturados por argumentos. O primitivo ACT toma apenas um argumento, que é representado pela variável X. O primitivo CAUSE precisa de dois subeventos para ser saturado: ACT e BECOME. CAUSE tem a função de representar a relação entre esses dois subeventos. O primitivo BECOME exige uma variável Y para que seja saturado. Essa variável Y sempre estará vinculada a um estado, que pode aparecer em sua forma pura, <STATE>, pode estar relacionado a um lugar, <PLACE>, ou a um estado possessivo, <THING>. Os

¹⁴ Cançado e Amaral (2016), em nota, explicam que a nomenclatura é mantida em inglês para explicitar seu caráter universal (cf. Pinker, 1989). As autoras sintetizam a lista de predicados encontrados na literatura como ACT, DO, CAUSE, BECOME, MOVE, AFFECT, GO, BE, STATE, HAVE, LOC e POSS (Cançado e Amaral, 2016, pág. 199).

predicados IN e WITH são saturados pelos estados <PLACE> e <THING>, respectivamente.

De posse dessas informações, temos agora instrumentos para apontarmos de forma detalhada a decomposição de cada predicado.

3.1 Decomposição dos predicados *guardar*, *tampar* e *abrir*

A decomposição de predicados, em termos gerais, diz respeito a uma descrição semântica que pressupõe que o significado de um item lexical é composto por partes que se combinam. Nosso intuito é encontrar, dentro desta perspectiva de análise¹⁵, explicações de por que as sentenças com *guardar* aparecem com mais facilidade em contextos predicativos do que sentenças com *tampar* e *abrir*.

Essa investigação é importante porque a decomposição de predicados não mostra apenas a semântica dos participantes do evento, como faz a grade temática, mas mostra a semântica do evento propriamente dito. Segundo a teoria temática, *guardar*, *tampar* e *abrir* teriam a mesma representação, seriam compostos por dois argumentos, sendo eles agente e paciente. A decomposição lexical, por outro lado, nos sugere que esses verbos são semanticamente diferentes, conforme a estrutura ilustrada em (35), retirada de Cançado e Amaral (2017):

- (35) a. *Guardar*: [[X ACT] CAUSE [BECOME [[Y <GUARDADO>] IN <PLACE>]]]
b. *Tampar*: [[X ACT] CAUSE [BECOME [[Y<TAMPADO>] WITH <TAMPA>]]]
c. *Abrir*: [[X (ACT)] CAUSE [BECOME [Y < ABERTO>]]]

De acordo com a representação em (35), a semântica do verbo *guardar* inclui um sentido de lugar, representado pelo primitivo [IN <PLACE>]; *tampar* acarreta mudança de posse, dessa forma, sua representação estrutural precisa conter [Y POSS <THING>]; *abrir* é decomposto como uma mudança e um estado final, podendo ser representado apenas por [BECOME [Y <STATE>]].

¹⁵ A decomposição desses predicados é baseada nas representações propostas por Cançado e Amaral (2016, 2017).

As representações em (35) nos direcionam a algumas constatações. Primeiramente, é possível perceber que os três verbos se assemelham no sentido de serem compostos por dois subeventos, um ACT e o outro BECOME.

[SUBEVENTO 1 A ação de alguém] [SUBEVENTO 2 algo ficar guardado]

[SUBEVENTO 1 A ação de alguém] [SUBEVENTO 2 algo ficar tampado]

[SUBEVENTO 1 A ação de alguém] [SUBEVENTO 2 algo ficar aberto]

Como apontam Cançado e Amaral (2016), a relação entre dois subeventos é sempre mediada por uma relação causal, a qual a autora chama *causação*.

Além disso, os três verbos apresentam um mesmo resultado final, ao qual chamamos de <STATE>, o que faz com que todos eles sejam considerados *accomplishment*. Esse resultado final, nos três verbos, surge como argumento de BECOME. O que difere a decomposição dos três verbos é a raiz <STATE>, que é nucleada por diferentes metapredicados em cada estrutura: IN em *guardar*, representada pelo predicado <PLACE>; WITH em *tampar*, representada pelo predicado <POSS>; e é um estado puro em *abrir*. Essa diferença é responsável pela classificação desses verbos em três classes distintas, respectivamente: verbo de mudança de lugar, verbo de mudança de posse e verbo de mudança de estado. Para uma análise mais precisa, olharemos separadamente cada uma dessas classes. O que pretendemos é encontrar dados que justifiquem distinção desses verbos.

3.1.1 *Guardar*: verbo de mudança de lugar

O verbo *guardar* pertence à classe dos verbos de mudança de lugar. Esses verbos são conhecidos na literatura como verbos de *location* (Cancado e Amaral, 2016; Hale e Keyser, 2002). A estrutura para os verbos desta classe é representada da seguinte maneira:

[[X ACT] CAUSE [BECOME [[Y<STATE>] LOC Z]]]

Assim, a estrutura de *guardar*, apresentada em (35a) e repetida aqui como (36), é a seguinte:

(36) [[X ACT] CAUSE [BECOME [[Y <GUARDADO>] IN <PLACE>]]]

A principal característica dos verbos de mudança de lugar é justamente denotar a mudança de um participante de um lugar para outro lugar. Nesse sentido, esses verbos podem ser interpretados como *x colocar y em lugar* (Cançado e Amaral, 2016).

Outra característica dessa classe é a não ocorrência dos verbos na forma causativa-incoativa, como ilustra o exemplo abaixo:

(37) *A panela se guardou

Além disso, os verbos que denotam mudança de lugar não aceitam causa na posição de sujeito, como mostra (38a) em oposição a (38b) e (38c):

- (38) a. *O vento guardou a caixa
b. O vento tampou a caixa
c. O vento abriu a caixa

Segundo Cançado e Amaral (2016), a literatura tratava também como verbos de mudança de lugar os verbos que denotam mudança de posse, como é o caso de *tampar*. Entretanto, Hale e Keyser (2002) apresentam uma análise que distingue essas duas classes, conforme apresentaremos na próxima subseção.

3.1.2 *Tampar*: verbo de mudança de posse

O verbo *tampar* pertence à classe dos verbos de mudança de posse. Para Hale e Keyser (2002), a principal diferença entre os verbos de mudança de lugar e os verbos de mudança de posse é que, os verbos de mudança de lugar correspondem a *colocar Y em*; e os verbos de mudança de posse correspondem a *prover Y com*. Essa diferença é justificada pelas preposições IN e WITH, respectivamente. A estrutura que representa esses verbos é a seguinte:

[[X ACT] CAUSE [BECOME [Y POSS <THING>]]

Assim, *tampar* apresenta a estrutura em (35b), repetida aqui como (39):

(39) [[X ACT] CAUSE [BECOME [[Y<TAMPADO>] WITH <TAMPA>]]]

Nesses verbos, há sempre uma relação entre o objeto e o nome contido no verbo. Assim, *tampar* corresponde a *colocar tampa em*. Além disso, o predicado ACT é obrigatório nessas estruturas, sendo este a representação de um dos subeventos ligados por CAUSE, e o outro subevento é introduzido por BECOME que implica uma mudança pela qual subentende-se que Y não possuía o objeto introduzido por WITH antes da eventualidade.

Cançado et al. (2013) sugere que a paráfrase mais adequada para os verbos desta classe segue o modelo da sentença em (40b):

- (40) a. João tampou a panela
b. João proveu a panela com uma tampa

Sentenças com os verbos *guardar* e *abrir* não são compatíveis com a paráfrase em (40b) por não possuírem o metapredicado WITH.

Cançado e Amaral (2016) afirmam que os verbos que denotam mudança de posse não participam da alternância causativa-incoativa:

(41) * A panela se tampou

As autoras também afirmam que, por serem estritamente agentivos, não aceitam uma causa na posição de sujeito:

(42) ?O vento tampou a caixa

A sentença em (42) só é aceitável se inferirmos que o vento derrubou a tampa e, conseqüentemente, tampou a caixa.

3.1.3 *Abrir: verbo de mudança de estado*

O verbo *abrir* pertence à classe dos verbos de mudança de estado. Segundo Cançado e Amaral (2016), a principal característica desses verbos é acarretar a proposição *Y ficar estado*. Esse estado é denotado por um adjetivo que está morfologicamente relacionado ao verbo, como ilustra o exemplo abaixo:

(43) João abriu a panela
A panela ficou aberta

Esses verbos são representados pela raiz <STATE> saturada pela variável Y. Esse constituinte, [Y <STATE>], satura o predicado BECOME. O processo denotado por esse constituinte satura o predicado CAUSE, que por sua vez, é saturado pelo constituinte [X ACT]. Assim, a representação dos verbos desta classe apresenta a seguinte forma:

[[X ACT] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

Assim, *tampar* apresenta a estrutura em (35c), repetida aqui como (43):

(43) [[X ACT] CAUSE [BECOME [Y < ABERTO>]]]

Ao contrário dos verbos que analisamos anteriormente, os verbos de mudança de estado podem ocorrer na alternância causativa-incoativa. Essa seria o principal teste para detectar verbos dessa classe:

(44) A panela se abriu

Como apontam Cançado e Amaral (2016), outra peculiaridade desses verbos é que podem ser representados por uma estrutura básica [BECOME [Y <STATE>]] sem serem dotados necessariamente do predicado CAUSE e seu argumento X ACT. Dessa forma, podem descrever processos que ocorrem naturalmente, como ilustra a sentença em (45):

(45) A panela abriu

Os verbos *guardar* e *tampar* analisados anteriormente não podem formar uma estrutura como a de (45), pois essa estrutura é lícita pela raiz <STATE> em sua forma mais primitiva, sem a presença de metapredicados como IN e WITH.

Para nossos propósitos, esses dados são suficientes para afirmarmos que os três verbos analisados neste trabalho se distinguem, mas ainda não temos evidências de como a natureza composicional dos verbos pode influenciar na aceitabilidade de sentenças predicativas.

Em suma, ao realizarmos a decomposição de predicados, concluímos *guardar*, *tampar* e *abrir* são verbos de mudança. Essa informação é importante para a predicação secundária porque, segundo Rapoport (1990), os verbos de mudança hospedam predicados depictivos sem restrição. Apresentaremos esse estudo na próxima seção.

4. A proposta de Rapoport (1990)

Na seção anterior, vimos que *guardar*, *tampar* e *abrir* estruturam-se de maneira diferente, tendo em vista a decomposição de predicados. Observamos, sobretudo, que todos denotam mudança. Esse fato não é suficiente para explicar as restrições que apresentamos na seção 1 deste capítulo. Vamos recorrer ao trabalho de Rapoport (1990) para investigar se as restrições encontradas em nossos dados podem ser justificadas em termos do predicado matriz. Esse trabalho será importante para comprovar que as restrições não se justificam pelo predicado matriz, por si só. Esse fato nos dá amparo para sustentar a hipótese que estamos defendendo nesta dissertação, de que a conexão entre os dois predicados é responsável por licitar os contextos de predicação secundária.

A questão central do trabalho de Rapoport (1990) é de que as restrições em sentenças predicativas são explicadas, sobretudo, sob uma perspectiva semântica de análise. A autora argumenta que o significado contido no predicado matriz limita a admissão de um predicado depictivo.

Nesse sentido, para Rapoport, somente verbos que denotam uma ação que afeta a entidade denotada pelo objeto direto podem permitir a presença de um predicado depictivo. Esses verbos partilham de uma propriedade de *afetação*, que

por sua vez, denota mudança. Essa propriedade, segundo a autora, é relevante para a restrição de construções médias.

A forma prototípica das estruturas médias é caracterizada pelo fato de um sujeito não animado ser afetado pela ação do verbo. Na sintaxe, a estrutura média consiste em apagar o argumento externo e o argumento interno passa a ser sujeito.

Vimos anteriormente que os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* denotam mudança. Essa característica permitiria que esses verbos pudessem aparecer em construções médias sem restrições, pois essas construções são formadas por verbos que causam uma mudança de estado ou locação na entidade denotada por seu objeto. No entanto, não é o que acontece.

- (46) a. *Essa panela guarda com facilidade
b. Essa panela tampa com facilidade
c. Essa panela abre com facilidade

A sentença (46a) é inaceitável, ao passo que (46b-c) são aceitáveis. Diante disso, fazemos uma pergunta imediata: se os três verbos denotam mudança, o que justifica a inaceitabilidade de (46a)?

Na verdade, precisamos rever a noção de mudança de estado ou lugar denotada por esses verbos. Segundo Rapoport (1990), não se pode dizer que a propriedade de mudança é estipulada explicitamente por um traço [+/- *change*] marcado no verbo ou no objeto. Atribuir um traço de mudança com base no item lexical seria problemático porque um mesmo verbo poderia ou não apresentar esse traço, como é o caso de *chutar* em *Maria chutou o muro* ou em *Maria chutou a bola*.

Rapoport (1990) propõe um novo modelo para verificar a propriedade de mudança presente em alguns verbos. Para formular esse modelo, a autora toma como base o trabalho de Hale e Keyser (1987), que utiliza o nível de Estrutura Conceitual Lexical (LCS) apresentada por Jackendoff (1983). Essa estrutura corresponde a um nível mental de representação lexical, que codifica a percepção das coisas do mundo através de categorias conceituais e, por regras de interface, conecta essas representações mentais aos meios sintáticos, semânticos e fonológicos.

Hale e Keyser (1987) alegam que a mudança, quando falamos de um verbo de mudança de estado ou lugar, é a propriedade de um verbo ser comprometido tematicamente, isto é, ser projetado via Estrutura Predicativa Argumental (PAS) por um participante central, num evento central, na LCS desse verbo. A forma PAS nada mais é do que uma forma de atribuição de papel temático na LCS. Para Rapoport, isso justifica a inaceitabilidade de algumas construções médias.

Para exemplificar essa propriedade de mudança, Rapoport apresenta a LCS *cut* e *hit* ilustrada em (47). Segundo a análise da autora, a propriedade de mudança é notada apenas em (47b):

- (47) a. LCS of *cut*: [x CAUSE [y develop linear separation in material integrity [by sharp edge coming into contact with y]
b. LCS of *hit*: [x come forcefully into contact with y]

Rapoport explica que, em (47a), a variável ‘y’ é o participante central do evento. Já em (47b), não há um evento central. Isso implica que o NP associado a ‘y’ em (47a) pode ser sujeito de uma medial, ao contrário do NP associado a ‘y’ em (47b), como ilustrado em (48):

- (48) a. This bread cuts easily
b. *This wall hits easily

Com base nos dados de Rapoport, sabemos que a LCS dos predicados *guardar*, *tampar* e *abrir* pode ser representada como o esquema que nós formulamos em (49):

- (49) a. LCS de *abrir*: [x CAUSE [y afastar-se daquilo que o fecha] [através de uma força aplicada a y]
b. LCS de *tampar*: [x CAUSE [y ficar fechado] [através de uma tampa inserida em y]
c. LCS de *guardar*: [x ficar inserido em y]

Conforme o modelo acima, a propriedade de mudança acontece apenas na LCS de *abrir* e *tampar*, o que explica a impossibilidade do verbo *guardar* em

estruturas médias. Na LCS de *tampar* e *abrir*, a variável 'y' é o participante central do evento e em *guardar* não. Então, o NP na sintaxe associado ao 'y' de *abrir* e *tampar* pode ser sujeito de uma medial, o que não ocorre com NP associado com 'y' em *guardar*.

Porém, essa análise pode ser facilmente refutada com a inserção de uma variável 'z'¹⁶. A inserção de uma terceira variável altera a LCS de *guardar* e faz com que 'y' passe a ser o participante central do evento:

(50) LCS de *guardar*: [x CAUSE [y ficar inserido em z]

Nessas circunstâncias, a LCS não é capaz de explicar a inaceitabilidade do predicado *guardar* em construções médias, mas mostra que a LCS dos três verbos em análise são estruturas semelhantes.

Rapoport defende que as construções depictivas acontecem apenas com verbos que causem de fato uma mudança de estado ou lugar em seus objetos. Isto quer dizer que apenas os verbos de uma configuração LCS particular permitem predicados depictivos ao seu objeto. A sugestão da autora é de que os verbos de mudança possuem a seguinte configuração:

(51) LCS: [x CAUSE [y ...]]

Sendo assim, qualquer NP na sintaxe que possa ser coindexado com a variável y na LCS e introduzido e regido pelo sintagma CAUSE como em (51) pode ser sujeito de uma medial ou hospedar um predicado depictivo. Dessa forma, a propriedade de mudança pode ser vista como uma propriedade da LCS, a qual Rapoport chama *transitividade*. Em (51) a variável y é regida pelo predicado matriz, então, (51) é uma LCS transitiva. Uma LCS na qual o verbo não rege a variável complemento, não é transitiva. Em suma, para Rapoport, a adição de um predicado depictivo ou a formação de uma medial só é possível quando o verbo que é núcleo da construção tem uma LCS transitiva, isto é, quando o NP correspondente a y é associado com CAUSE na LCS.

¹⁶ Agradecemos ao professor Marcos Carreira por este apontamento.

A observação de Rapoport explica a inaceitabilidade de (47a), repetida aqui como (52).

(52) a. *Essa panela guarda com facilidade

Entretanto, contradizendo as afirmações da autora, os dados em (53) provam que a teoria da LCS transitiva não se aplica a todas as construções depictivas. Seguindo o modelo proposto pela autora, as sentenças com os verbos *abrir* e *tampar* seriam mais predicativas do que as com verbo *guardar*, justamente pela transitividade que apresentam na estrutura conceitual. Porém, os dados em (53) mostram justamente o contrário.

(53) a. João guardou a panela enferrujada

b. *João tampou a panela enferrujada (na leitura relevante)

c. *João abriu a panela enferrujada (na leitura relevante)

O que podemos concluir é que a hipótese de Rapoport não se sustenta se alterarmos o predicado depictivo dos dados em (53). Esses mesmos verbos podem aparecer em sentenças absolutamente predicativas se combinados com outros tipos de adjetivos, como em (54):

(54) a. João guardou a panela quente.

b. João tampou a panela quente.

c. João abriu a panela quente.

Os dados em (54) provam que o verbo não justifica a inaceitabilidade de adjetivos depictivos. Perceba que em (54) parece mais difícil separarmos os dois eventos: da panela estar quente e do momento em que é guardada/tampada/aberta.

Em (53b-c) temos justamente o contrário, entre algumas panelas, a panela que estava enferrujada foi tampada/aberta. Podemos dizer *João abriu a panela enquanto a panela estava quente, mas em seguida, a panela esfriou* mas não podemos dizer que *João abriu a panela enquanto a panela estava enferrujada, mas em seguida, a panela desenferrujou*. Não sabemos exatamente o que estaria

permitindo que o adjetivo *enferrujada* aparecesse em um contexto predicativo como em (53a). Intuíamos que isso pudesse ser explicado pela teoria do operador *TPconnect* de Rothstein (2004), que apresentaremos no próximo capítulo, mas essa teoria também não dá conta de explicar essas restrições.

Antes, é preciso considerar que Foltran (1999) também faz uma análise que segue esse viés. A autora sugere que é inviável adotar a hipótese de que há relação entre as duas estruturas que temos visto nesta seção e conclui que não é adequado relacionar as construções médias com as construções de predicação secundária, porque a inaceitabilidade de muitas construções médias pode estar relacionada apenas a questões pragmáticas. Para concluir, a autora afirma que

nem todos os verbos que podem participar de uma estrutura média podem também figurar numa construção de predicação secundária. Portanto, as estruturas médias também não podem ser tomadas como parâmetro para as construções de predicação secundária. (Foltran, 1999, pág. 162)

De fato, a análise sugerida por Rapoport (1990) não foi capaz de responder as questões que levantamos nesta pesquisa, mas foi importante para, definitivamente, eliminarmos a hipótese de que o predicado matriz seria responsável por restringir um contexto de predicação secundária. Tendo concluído que a classe verbal não interfere nas construções predicativas, no próximo capítulo olharemos para outra direção.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Em suma, este capítulo esteve direcionado aos verbos que compõem a base empírica deste trabalho. Mostramos que justificar a restrição de sentenças predicativas exige um olhar para além do predicado matriz. Para chegar a essa conclusão, seguimos o seguinte caminho: apresentamos os dados de análise, depois um estudo da classificação aspectual desses verbos a maneira como se apresentam na decomposição de predicados e, por fim, aplicamos eles a proposta de Rapoport (1990).

Na primeira seção, ao apresentar as sentenças que compõem o *corpus* deste trabalho, mostramos que o predicado matriz *guardar* impõe menos restrições para

hospedar um depictivo do que os predicados *abrir* e *tampar*, como mostram os dados a seguir:

- (55) a. João guardou a caixa amassada
b. *João abriu a caixa amassada
c. *João tampou a caixa amassada

Mostramos também que o predicado matriz das sentenças (55b) e (55c) podem aparecer em outros contextos predicativos sem nenhuma restrição, conforme (56):

- (56) a. João guardou a caixa molhada
b. João tampou a caixa molhada
c. João abriu a caixa molhada

A partir desses dados, nosso intuito era de que o caráter aspectual do predicado matriz impõe restrições às sentenças predicativas, de modo que verbos de uma determinada classe aspectual seriam mais flexíveis ao hospedar depictivos do que outros. Dessa forma, na segunda seção apresentamos um estudo da classe aspectual à qual pertencem os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir*. Na literatura (Cançado e Amaral, 2016, 2017), esses três verbos são classificados como *accomplishments*. Entretanto, nossos testes mostraram que há situações em que esses verbos podem ser considerados *achievements*. Nós assumimos que esses verbos estão entre essas duas classes, e também demonstramos que a decomposição de predicados não é capaz de explicar nossos dados.

Na seção 3, apresentamos a decomposição dos verbos em questão, nos moldes de Cançado e Amaral (2017). Sob essa ótica, pudemos concluir que *guardar*, *tampar* e *abrir* são verbos que denotam mudança. A diferença está no tipo de mudança denotada por cada um desses predicados. Analisar nessa perspectiva nos pareceu relevante porque vimos que, em alguma medida, *guardar* difere dos demais verbos analisados. Essa constatação é um primeiro passo para justificar a maior aceitabilidade dos dados que contém esse predicado em relação aos outros.

Na seção 4, aplicamos a proposta de Rapoport (1990) aos nossos dados. Com esta proposta, a autora busca explicar a restrição de predicados depictivos,

apresentando a justificativa de que apenas verbos com uma Estrutura Conceitual Lexical específica podem se manifestar como predicado matriz em construções de predicação secundária. No entanto, essa proposta não se mostrou coerente.

As constatações que fizemos até aqui ainda não são suficientes para responder a todas as questões que tínhamos apontado como problema, mas nos direcionam a seguir outros caminhos de análise.

CAPÍTULO III

No capítulo anterior, mostramos que a restrição de sentenças como (1b) em relação a (1a) não pode ser explicada em termos de predicado matriz.

- (1) a. Maria guardou a panela enferrujada
b. *Maria tampou a panela enferrujada

Neste capítulo, vamos apresentar uma análise que julgamos apropriada para explicar a restrição de sentenças como (1b). Para isso, nos voltaremos às questões formais e recorreremos a dois trabalhos: McNally (1997) e Rothstein (2004). O primeiro servirá para analisar, especificamente, o predicado depictivo. Como mostramos no capítulo 1, a distinção *stage level versus individual level* não é suficiente para justificar a inaceitabilidade de algumas sentenças. McNally (1997) propõe que uma inferência de continuidade temporal presente nos adjetivos é relevante nos dados de predicação secundária. A divisão entre as duas propriedades (*stage* e *individual level*) proposta por McNally (1997) difere da proposta de Carlson (1977) que apresentamos no capítulo 1 porque, para McNally, um valor espaço-temporal pode ser atribuído para ambas as propriedades. Nesse sentido, na medida em que se atribui um valor de localização para propriedades *individual level*, podemos transformá-las em *stage level*. Vamos tratar deste assunto na seção 1.

Feito isso, na seção 2 apresentaremos o trabalho de Rothstein (2004). Nesse trabalho, Rothstein propõe que as estruturas bem formadas de predicação secundária envolvem um operador ao qual a autora chama *TPconnect*. Esse operador é responsável por conectar os eventos denotados pelo predicado matriz e pelo predicado secundário. Vamos analisar se é possível justificar a inaceitabilidade de (1b) pelo *TPconnect*. Nossa intenção com esse capítulo é responder a questão (iii) que apresentamos na introdução deste trabalho: apontar, nas construções predicativas depictivas, propriedades indispensáveis dos predicados para que a sentença seja plenamente aceitável.

1. A proposta de McNally (1997)

No capítulo 1 desta dissertação, mostramos que a restrição de adjetivos *individual level* em construções de predicação secundária não é uma regra. Vimos que adjetivos pertencentes à essa classe podem aparecer na posição de predicados depictivos desde que apresentem, naquele contexto, a leitura *stage level*. Mostramos também, ao longo desta dissertação, que alguns adjetivos *stage level* licitam contextos predicativos com mais facilidade do que outros. É o caso dos adjetivos *quente* e *molhado* em relação aos adjetivos *quebrado*, *enferrujado* e *estragado*, por exemplo.

Todos os adjetivos supracitados são classificados como *stage level*. Entretanto, conforme nossa previsão empírica, apenas os dois primeiros aparecem em construções predicativas com os verbos *tampar* e *abrir*. Os demais, apresentam um comportamento semelhante a predicados *individual level* na predicação secundária. Partindo dessa observação, sentimos a necessidade de olhar com mais cautela aos predicados depictivos que constam em nossos dados. Assim, vamos nos basear no trabalho de McNally (1997) para caracterizar a distinção entre predicados *stage* e *individual level*, buscando explicações para as restrições encontradas em nosso corpus de análise.

1.1 Predicados depictivos *individual level*

Nesta subseção, vamos investigar o comportamento de adjetivos como *enferrujada* em construções predicativas.

(2) a. João guardou a panela enferrujada

b. *João tampou a panela enferrujada

Conforme apontamos brevemente no capítulo 1, nossa intuição a respeito da inaceitabilidade da sentença em (2b) em relação a (2a) se explica em termos de intervalo de tempo em que ocorre o predicado depictivo. No nosso entender, o tempo de duração do evento denotado pelo predicado secundário não pode ser intrínseco ao objeto. Em outras palavras, é necessário que se possa inferir um final para o evento denotado pelo predicado depictivo. A análise de McNally (1997)

corroborar nossa observação na medida em que a autora formaliza um limite de intervalo de tempo para os predicados depictivos. Para isso, é necessário repensar os critérios adotados para distinguir predicados *stage* e *individual level*.

O critério adotado por McNally para distinguir esses predicados se baseia na inferência de uma continuidade temporal, que pode estar relacionada ao passado ou ao futuro. Nessa perspectiva, a propriedade *individual level* de uma entidade carrega uma inferência de que ela persiste por um período de tempo prolongado, exceto se houver uma informação que quebre essa inferência. A propriedade *stage level* não apresenta essa inferência de continuidade temporal.

Para McNally, a localização (*loc*) também é um critério importante na distinção entre as duas propriedades: predicados *stage level* estão atrelados a um lugar, predicados *individual level*, não. A autora exemplifica com o predicado *altruísta* atribuído à Madre Teresa: se Madre Teresa é altruísta, assim ela será esteja na Califórnia ou em Calcutá. Dessa forma, para os predicados *individual level*, qualquer local externo ao indivíduo é irrelevante (McNally, 1997, pág. 161).

A autora alerta que há predicados *stage level* que cabem na definição descrita anteriormente. *Doente*, por exemplo, classificado como *stage level*, pode acompanhar o indivíduo ao qual se aplica aonde quer que ele esteja. Entretanto, não é uma exigência de que essa propriedade, de *estar doente*, siga o indivíduo em qualquer circunstância, justamente por ser uma propriedade que pode aparecer e desaparecer alternadamente, ao contrário de *altruísta*.

O que a autora argumenta é que, em geral, os predicados *stage level* são fixos a um determinado local: se alguém está sentado, perde essa propriedade no momento em que se levanta.

Com base nessas constatações, McNally (1997) sugere que para determinados predicados *stage level* P^1 , $loc(P^1, x)$ será o valor simples para L (localização). Para outros predicados *stage level* e para todos os predicados *individual level*, $loc(P^1, x)$ retornará outra função, $x-loc$, cujo valor quando aplicado ao par composto por uma entidade (representada por x) e um intervalo (representado por t) fornece a localização desta entidade neste determinado intervalo, conforme a regra descrita em (3)

$$(3) x-loc(x,t) = L$$

A função de localização representada em (3) captura o fato de que há propriedades que seguem seu portador em qualquer espaço. McNally observa que é possível atribuir uma localização para uma propriedade *individual level*, como *altruísta*, por exemplo. A autora argumenta que é possível dizer que *Madre Teresa é altruísta em Calcutá*, mas que a localização não é obrigatória (*x-loc*). Nesse sentido, o valor da função *x-loc* não depende da escolha de um intervalo temporal específico, mas acompanha seu portador em qualquer momento e qualquer lugar.

Segundo McNally, a possibilidade de incluir uma localização para predicados *individual level* é relevante para a predicação secundária porque essas construções exigem que haja uma sobreposição do valor *loc* atribuído ao predicado matriz e ao predicado secundário. Para a autora, os predicados *individual level* que não possuem uma dimensão temporal inerente e que não permitem uma inferência limitada de tempo não são úteis como restritores temporais. Assim, não podem aparecer como predicados depictivos. Por outro lado, predicados *individual level* que estabelecem uma conexão temporal relevante com o predicado principal, em que há uma implicatura de que acontecem dentro de um determinado intervalo de tempo, são depictivos lícitos. Para ilustrar, considere a sentença em (4)

(4) João voltou para casa generoso

Em (4), há uma conexão relevante entre os predicados. O tempo denotado pelo predicado *individual level* '*generoso*' é limitado pelo tempo denotado pelo predicado matriz. É possível inferir que João não era generoso antes de voltar para casa. Essa relação é apenas uma inferência. Não há, em (4), nenhuma implicatura entre a volta ao lar e a generosidade de João. O que torna essa sentença lícita é o fato de o intervalo em que a volta para casa acontece estar contido dentro do intervalo em que ser generoso acontece. Além disso, não há qualquer relação causal entre os dois predicados: a causa da generosidade não é a volta para casa. Sobretudo, o que é relevante é que a volta para casa marca um intervalo de tempo para o predicado *generoso*.

Na sentença em (4), o valor de um espaço real para a função [João] e [generoso] é fixado pela função *x-loc*. É necessário determinar um intervalo de tempo para a função [João generoso]. Esse intervalo de tempo será o intervalo em

que o adolescente chegou em casa. Assim, o valor para *loc* ([generoso] [João]), será o intervalo de tempo $x\text{-}loc(int([[voltou para casa]] [[João]]))$. Para que a predicação seja satisfeita, [João] deve ser uma subparte da função de intervalo de tempo de voltar para casa e deve haver uma sobreposição entre o parâmetro de localização do predicado principal e do predicado depictivo.

McNally (1997) considera importante distinguir predicados *stage level* de predicados *individual level* sob a perspectiva da presença *versus* ausência de uma duração de tempo relacionada a um lugar determinado. Para a autora, isso é capaz de explicar algumas restrições de certos adjetivos enquanto depictivos porque há adjetivos que denotam propriedade que não infere nenhum limite de tempo para o predicado matriz, dessa forma, não há sobreposição de intervalo de tempo entre os predicados.

Com base nessas colocações, vamos voltar para os dados em (1), repetidos aqui como (5).

- (5) a. João guardou a panela enferrujada
b. *João tampou a panela enferrujada

Até aqui, com base na proposta de Carlson (1977), estávamos tratando o adjetivo *enferrujada* como *stage level*. Estávamos considerando dois aspectos importantes: a ocorrência deste adjetivo com a cópula *estar* e a possibilidade de mudá-lo de estado a qualquer momento. Se analisarmos sob o viés proposto por McNally (1997), veremos que a propriedade de estar enferrujada acompanha o indivíduo ao qual se aplica (nesse caso, a panela) em qualquer lugar. Nessas circunstâncias, *enferrujada* é classificado como *individual level*.

Aplicando às regras propostas por McNally (1997), na sentença em (5a), temos:

(6) $[[João]] \text{ E } ext([[guardou a panela enferrujada]]) \text{ sse }$
 $int([[guardar a panela]], [[João]]) \neq \tau$
 $int([[enferrujada]], [[a panela]]) \text{ e há um lugar (L) }$
 $tal \text{ que } L = loc([[guardar a panela]], [[João]]) \wedge$

loc([enferrujada], [a panela])

Em prosa: João guardou a panela enferrujada se e somente se o intervalo de João guardar a panela for menor ou igual ao intervalo de a panela estar enferrujada e há um lugar em que a João guardou a panela e a panela estava enferrujada.

Em (6), a duração do evento denotado por *enferrujada* inclui o evento de *guardar*. É possível atribuir um valor *loc* para [enferrujada] e [a panela], que está incluído no intervalo $x\text{-}loc(int([guardou\ a\ panela]))$. Isso satisfaz a condição de sobreposição de localização do predicado *guardar* e *enferrujada*, licitando o contexto predicativo.

Da mesma forma, em (5b), o valor *loc* possível para a função $x\text{-}loc$ de [panela enferrujada] seria o intervalo de tempo de tampar a panela. Assim, $x\text{-}loc(int([tampou\ a\ panela])\ [João])$. Para que seja uma sentença bem formada, o predicado matriz precisa impor um limite para o predicado secundário. O ato de tampar precisa, necessariamente, delimitar uma duração para enferrujada. Isso não precisa estar explícito na sentença, mas ao menos a inferência de um limite para o predicado secundário precisa existir. Dessa forma, a relação entre os predicados deveria obedecer a seguinte regra:

(7) *[João] E ext([tampou a panela enferrujada]) sse*

$int([tampar\ a\ panela]), [João]) \neq \emptyset$

int([enferrujada], [a panela]) e há um lugar

(L) tal que $L = loc([tampar\ a\ panela], [João])$

$\wedge loc([enferrujada], [a\ panela])$.

Mesmo que inaceitável enquanto predicação secundária, a sentença em (7) se encaixa sem problemas na regra proposta por McNally. A nosso ver, isso não deveria ser possível porque *tampar* ocorre em um intervalo demasiadamente curto em relação a *enferrujada*. Assim, não é possível inferir um ponto final para *enferrujada* dentro do limite de intervalo de tempo de *tampar*, mas ao mesmo tempo, não há nenhuma regra impedindo com que esse predicado apareça relacionado com esse verbo em sentenças predicativas.

Além disso, o *loc* de *guardar* parece mais específico que o *loc* de *tampar*. Intuímos isso porque *guardar* exige um local específico para que a ação denotada pelo verbo se concretize¹⁷, e *tampar* não exige nada nesse sentido. Pretendemos implementar um refinamento dessa análise em trabalhos futuros.

Apesar de não obtermos a resposta que procurávamos, a proposta apresentada nesta seção foi importante para esta pesquisa porque nos permitiu fazer uma nova classificação para os adjetivos com os quais estamos trabalhando. Vimos que *enferrujada*, *quebrada*, *estragada*, podem ser classificados como *individual level* porque são dotados de uma propriedade que não depende de localização.

Porém, por essa análise não impossibilitar estruturas como (1b), concluímos que não é possível explicar, a partir da proposta de McNally, os problemas que tínhamos apontado no início deste capítulo. Por isso, vamos seguir outro caminho.

2. A proposta de Rothstein (2004)

Nesta seção vamos apresentar a proposta de Rothstein (2004). O que pretendemos é, por meio da proposta que será aqui introduzida, justificar a inaceitabilidade de algumas sentenças que, aparentemente, satisfazem todas as exigências da predicação secundária que vimos até agora.

Esta seção está dividida em duas subseções. Na primeira, vamos introduzir a discussão sobre o operador *TPconnect*. Vamos mostrar que, para Rothstein, toda construção de predicação secundária envolve uma relação entre dois eventos, denotados pelo predicado matriz e pelo predicado secundário, e um indivíduo, que participa dos dois eventos. Essa relação é mediada por um operador: o *TPconnect*. Na segunda seção, retomaremos o *corpus* de análise de nossa pesquisa. Vamos verificar se a inaceitabilidade das sentenças presentes em nossa base empírica pode ser explicada com a proposta de Rothstein.

2.1 O operador *TPconnect*

Rothstein (2004) argumenta que os predicados depictivos são modificadores aspectuais no sentido de que eles introduzem um novo evento e definem uma

¹⁷ Mostramos isso com a decomposição deste predicado proposta no capítulo II

relação entre esse evento e o evento denotado pelo predicado matriz. Além disso, a autora argumenta que os predicados secundários depictivos compartilham um tempo e um argumento com o verbo matriz.

A partir dessas constatações, Rothstein (2004) formaliza a conexão entre os predicados criando um operador ao qual chama *TPconnect* (*Time-Participant Connected*)¹⁸. Para a autora, as estruturas de predicação secundária envolvem uma relação em que e_1 é *TPconnectado* a e_2 com relação a um argumento y se ambos os eventos acontecerem ao mesmo tempo e compartilharem um argumento.

Rothstein afirma que para não haver restrições nas construções depictivas, o evento introduzido pelo predicado matriz precisa ser *TPconnectado* com o evento introduzido pelo predicado secundário. A representação formal para as construções depictivas seria a seguinte:

$$\text{TPCONNECT}(e_1, e_2, y)$$

Para ilustrar, considera a sentença em (8)

(8) João comeu a carne crua

Em (8), *João comeu a carne* corresponde a (e_1) e *crua* a (e_2). O argumento compartilhado entre esses dois eventos é *a carne* que corresponde a y .

Para chegar a essa estrutura, Rothstein (2004), mostra que uma das possibilidades para a descrição formal de sentenças predicativas é assumir que elas envolvem uma interseção. Nesse sentido, um dado como (8) poderia ser descrito como em (9)¹⁹:

(9) $\exists e[\text{COMEU}(e) \wedge \text{Ag}(e)=\text{JOÃO} \wedge \text{Th}(e)= \text{A CARNE} \wedge \text{CRUA}(e) \wedge \text{Arg}_1(e)= \text{A CARNE}]$

¹⁸ Rothstein (2004) considera que o operador *TPconnect* é uma versão simétrica e reflexiva da relação *PART-OF* formulada em Rothstein (2000).

¹⁹ Este exemplo é uma adaptação da proposta do Rothstein (2004). Para fazer essa explanação, a autora faz uso de predicados secundários orientados ao sujeito. Nós estamos aplicando sua proposta aos predicados orientados ao objeto porque este é o foco desta dissertação. Nessas notações, *Ag* indica um agente, *Th* indica um tema e *Arg₁* indica um argumento externo.

A estrutura em (9) descreve os eventos de *João comer a carne* e *a carne estar crua* como sendo o mesmo evento. Porém, segundo Rothstein, essa representação não é interessante porque os eventos precisam ser distinguíveis, já que os predicados secundários são temporalmente independentes do predicado matriz.

Para distinguir os eventos denotados pelos predicados, a autora recorre ao trabalho de Parsons (1990). Parsons argumenta que predicados de eventos diferentes que acontecem ao mesmo tempo podem ser modificados por elementos que indiquem contradição (*contradictory modifiers*). Por exemplo, se varremos o chão e junto com a poeira varremos também um brinco, pode ser verdade que o chão foi varrido intencionalmente e o brinco, acidentalmente. Como um evento não pode ser intencional e acidental ao mesmo tempo, as duas expressões, varrer o chão e varrer o brinco, devem ser descritas como eventos diferentes, que acontecem ao mesmo tempo, mas contém participantes diferentes.

Na predicação secundária, a descrição dos eventos pode ocorrer de forma semelhante, já que os APs atribuem papel temático e, portanto, denotam uma entidade que possui um participante. Assim, os eventos da predicação secundária podem ser distinguidos por meio de seus participantes. Na sentença em (8), enquanto o evento de *comer* exige dois participantes, um agente e um tema, o evento de *crua* exige um participante, que é o portador da propriedade denotada pelo AP. Dessa forma, o evento de *comer* pode ser distinto do evento de *crua* pela quantidade de participantes e por sua relação com a eventualidade. Em (8), temos dois participantes e um evento que denota atividade em *comeu a carne*; e um participante e um evento que denota um estado em *carne crua*.

A proposta de Rothstein é de que a predicação secundária envolve uma operação de soma (*summing operation* - *SUM*) que soma a denotação expressa em dois eventos: α (e_1) e β (e_2). Nesse sentido, a leitura predicativa de (8) é lícitada pela soma do tempo denotado pelos predicados *comer* e *crua*.

Para Rothstein, a formação predicativa opera na denotação da projeção máxima através de uma abstração lambda sobre uma variável x que gera o valor de XP a partir de um evento verdadeiro $\langle e, t \rangle$ retornando um predicado depictivo $\langle d, \langle e, t \rangle \rangle$. Rothstein destaca que essa operação retorna sempre um evento singular, representado por s .

$$(10) \text{SUM} [\alpha(e_1), \beta(e_2)] = \lambda e. \exists e_1 \exists e_2 [e =^S (e_1 + e_2) \wedge \alpha(e_1) \wedge \beta(e_2)]$$

Nesses termos, a representação do dado em (8) seria como (11):

$$(11) \exists e \exists e_1 \exists e_2 [e =^S (e_1 + e_2) \wedge \text{COMEU}(e_1) \wedge \text{Ag}(e_1) = \text{JOÃO} \wedge \text{Th}(e_2) = \text{A CARNE} \wedge \text{CRUA}(e_2) \wedge \text{Arg}(e_2) = \text{A CARNE}]$$

Assim, (11) é verdadeiro se há um evento tal que o evento de João comer a carne é parte desse evento e o evento de a carne estar crua também é parte desse evento. Segundo Rothstein, a possibilidade de somar eventos permite outras operações, como modificação adverbial:

(12) a. João comeu a carne crua *duas vezes*

b. João comeu a carne crua *temperada*

Como aponta Rothstein (2004), os advérbios em (12) modificam o VP *comer a carne crua* e mantêm a leitura predicativa como representado em (11). Além disso, esses advérbios se somam aos dois eventos: de comer a carne e da carne estar crua.

Rothstein afirma que existem dois aspectos que podem restringir a soma de eventos e, conseqüentemente, restringir sentenças predicativas: a dependência temporal e os participantes compartilhados.

Em relação a dependência temporal, a autora assume uma função temporal τ , já defendida por Krifka (1998), que considera um evento em seu tempo de execução, assim:

$$\tau(e_1 + e_2) = \tau(e_1) + \tau(e_2)$$

Isso quer dizer que o tempo de execução da soma dos dois eventos é a soma do tempo em que ocorre o e_1 e o tempo em que ocorre o e_2 .

No dado em (8), sendo e_1 *comeu a carne* e e_2 *a carne crua*, o tempo em que acontece o evento total de *comeu a carne + carne crua* é o tempo em que ambos os

eventos acontecem. Nas sentenças predicativas, o tempo em que ocorre os dois predicados precisa coincidir, isso significa que sempre teremos $\tau(e_1) = \tau(e_2)$. Nessas circunstâncias, como há uma sobreposição entre o tempo dos dois predicados, em qualquer intervalo do evento de João comer a carne irá conter a carne estar crua.

Em relação ao outro fator responsável pela boa formação de sentenças predicativas, Rothstein assume que os predicados secundários e o verbo matriz precisam compartilhar um argumento. Em (8), o argumento compartilhado pelos dois eventos é *a carne*. Considerando o argumento compartilhado e a dependência temporal dos eventos, Rothstein formaliza a operação do *TPConnect* nos seguintes termos:

TPCONNECT (e_1, e_2, y) sse:

- (i) $\tau(e_1) = \tau(e_2)$; (i.e, o tempo em que ocorre e_1 é o mesmo tempo em que ocorre e_2)
- (ii) e_1 e e_2 compartilham um participante y .

Segundo Rothstein, esse operador permite investigar a relação entre os eventos de uma forma mais intrínseca, o que pode ser relevante para justificar a inaceitabilidade de alguns de nossos dados, como (1b).

2.2. O *TPconnect* em nossos dados

Nesta subseção, vamos analisar se o operador *TPconnect* apresentado na subseção anterior é capaz de restringir sentenças como (1b) repetida aqui como (13c) em oposição a sentenças como (13a) e (13b).

- (13) a. João guardou a panela enferrujada
- b. *João tampou a panela enferrujada
- c. João tampou a panela quente

Considere que em (13c), *João tampou a panela* corresponde a (e_1) e *quente* a (e_2). O argumento compartilhado entre esses dois eventos é *a panela* que corresponde a y . Assim, a operação de soma (*OSUM*) para esses eventos seria:

$$(14) \text{OSUM } [\alpha, \beta] = \lambda y \lambda e. \exists e_1 \exists e_2 [e =^S (e_1 + e_2) \wedge \alpha(e_1, y) \wedge \beta(e_2, y) \wedge \text{TPCONNECT} \\ (e_1, e_2, y)]$$

Inserindo os termos do dado em (13c) nas variáveis correspondentes, teríamos a seguinte leitura: Há um evento singular cuja soma do evento de tampar a panela e a panela estar quente enquanto é tampada estão conectados através de um tempo e um participante.

Poderíamos inserir os dados de (13b) na fórmula em (14) e não teríamos nenhuma restrição: Há dois eventos, de tampar a panela (e_1) e a panela estar enferrujada (e_2) que quando somados resultam em um evento singular tampar a panela enferrujada e compartilham um mesmo argumento, a panela (y), e os dois eventos coincidem temporalmente. Por que, então, (13b) é tomada como inaceitável enquanto predicação secundária?

Rothstein afirma que o tempo em que ocorre o predicado verbal e_1 é que vai determinar a extensão dos eventos somados. Nesse sentido, seu valor parece ser mais relevante do que o valor do tempo em que ocorre o predicado secundário. Isso quer dizer que, por mais que o tempo em que ocorre o predicado secundário seja maior do que o tempo em que ocorre o predicado primário, a duração do evento corresponderá apenas ao tempo em que dura o predicado primário. Em *João tampou a panela quente*, a duração do evento denotado por essa sentença acontece só enquanto o sujeito pratica a ação denotada pelo verbo. Isso parece não funcionar para *João tampou a panela enferrujada*.

O que acontece é que em uma sentença como *João tampou a panela enferrujada* parece que temos um valor infinito para o tempo de duração de *enferrujada*. Isto é, esse AP parece ser inerente ao DP objeto, ao ponto de ser considerado um adjetivo *individual level*, como vimos na seção anterior. Na formalização proposta por Rothstein, poderíamos impossibilitar adjetivos passageiros, mas de caráter inerente como *enferrujada*, ao dizer que a restrição de sentenças com esse tipo de adjetivo se explica se considerarmos que existe um tempo para o evento e_2 que é maior que o tempo do evento em e_1 . Entretanto o tempo de e_2 é infinito. Porém, essa regra bloquearia estruturas predicativas bem formadas como *João guardou a panela enferrujada*.

Segundo Rothstein, o predicado depictivo restringe o parâmetro espaço temporal sobre o qual o evento denotado pelo predicado principal é válido. Neste sentido, é o predicado depictivo em *João tampou a panela quente* que mantém o evento de tampar a panela e a panela estar quente. Esses eventos são independentes. No entanto, a propriedade de estar quente e ser tampada devem acontecer simultaneamente. Não é possível inferirmos uma leitura simultânea para os eventos de *panela enferrujada* e *tampar a panela* porque inferimos que o tempo em que se dá a eventualidade denotada por *enferrujada* seja relativamente anterior ao tempo em que ocorre *tampar*.

A nosso ver, o critério *time* do *TPconnect* não é capaz de conectar predicados que apresentem discrepância de tempo. O que queremos dizer é que o evento de tampar parece ser muito passageiro para ser conectado ao evento de enferrujada, que parece duradouro. Em contrapartida, o evento de guardar é tão duradouro quanto o evento de enferrujada, o que não causa problemas para o *TPconnect* que licita a sentença (13a). Não há nada em Rothstein (2004) que assegure essa hipótese, mas seu trabalho nos dá pistas de que esse parece um caminho plausível a seguir.

Nossa intuição é de que há uma relação temporal mais estreita entre os predicados, capaz de permitir ou proibir estruturas de predicação secundária. Poderíamos ir além para testar essa hipótese, mas isso demandaria mais dados do que os que selecionamos para montar o *corpus* deste trabalho.

Concluimos esta subseção sem uma solução para o impasse encontrado em nossos dados, mas com descobertas que apontam direções para, futuramente, seguirmos nas investigações.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Neste capítulo, procuramos analisar os predicados depictivos com os quais estávamos trabalhando e encontrar evidências que justificassem a inaceitabilidade de algumas sentenças de nossa base empírica em relação a outras construções semelhantes. Além disso, nos dedicamos a investigar se a proposta de Rothstein (2004) seria capaz de explicar a inaceitabilidade desses dados.

A partir de McNally (1997), propusemos que os adjetivos que aparecem como inaceitáveis enquanto depictivos com os verbos *tampar* e *abrir* podem ser classificados como *individual level*. Isso ocorre porque esses adjetivos (estragado, quebrado, enferrujado) se mantêm sem mudar de estado em qualquer instância, a menos que haja uma evidência no contexto que explicita seu fim. Essa constatação não foi suficiente para explicar a inaceitabilidade dos dados, mas foi importante para mostrar que esses adjetivos diferem em alguma medida daqueles que são aceitáveis em qualquer contexto.

Na segunda seção, apresentamos a proposta de Rothstein (2004). Rothstein afirma que os eventos que compõem as sentenças predicativas precisam compartilhar um tempo e um argumento para que sejam aceitáveis. Essa relação é mediada pelo operador *TPconnect*. Mostramos que essa relação existe nos dados que julgamos inaceitáveis e, sendo assim, a inaceitabilidade não pode ser explicada por esse viés. Ressaltamos, porém, que a análise sob o ponto de vista de Rothstein (2004) nos deu informações importantes: (i) é necessário uma sobreposição de tempo entre eventos denotados pelos predicados; (ii) não é possível que um dos eventos possua um tempo muito maior ou muito menor em relação ao outro evento. Essa segunda constatação parte de nossa intuição. Acreditamos que a proposta iniciada aqui pode ser desenvolvida em trabalhos futuros.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, tomamos como objeto as construções de predicação secundária orientada ao objeto. Para definir essas construções, nos pautamos no trabalho de Rothstein (1983) que assume que o predicado secundário atribui um papel temático para um objeto que já possui um papel temático atribuído pelo predicado matriz. Além disso, Rothstein (1983) também aponta que os predicados secundários são *stage level*. Isso quer dizer que o predicado secundário denota propriedade passageira.

A partir dessas definições, estabelecemos nossos dados para análise. Selecionamos três verbos para compor nossa base empírica: *guardar*, *tampar* e *abrir*. Em nossos dados, nos deparamos com adjetivos que licitavam a leitura predicativa apenas com o predicado matriz *guardar*, como em (1):

- (1) a. João guardou a panela enferrujada
- b. *João tampou a panela enferrujada
- c. *João abriu a panela enferrujada

Porém, vimos que outros adjetivos podem aparecer sem nenhuma restrição com qualquer um dos predicados matriz, como em (2):

- (2) a. João guardou a panela quente
- b. João tampou a panela quente
- c. João abriu a panela quente

A partir dessas observações, preocupamo-nos em investigar a causa da inaceitabilidade de sentenças como (1b-c). Nós procuramos responder por que o verbo *guardar* é menos rígido ao selecionar predicados secundários em relação a *tampar* e *abrir*. Objetivamos também compreender por que predicados como *quente* não apresentavam restrições.

Para realizar essa investigação, analisamos separadamente os verbos e os adjetivos com os quais estávamos trabalhando. Com isso, pretendíamos encontrar distinções que fossem relevantes para responder às questões que mencionamos acima.

Nossa primeira conclusão foi de que os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* não podem ser classificados como *accomplishment*, como sugere a literatura (Cançado e Amaral, 2016). Para chegar a essa conclusão, testamos esses verbos relacionando-os com as quatro classes aspectuais propostas por Vendler (1967): atividades, estados, *accomplishments* e *achievements*. Apesar de imprecisos, os resultados apontaram para uma classificação entre as classes dos *accomplishments* e *achievements*.

A classificação imprecisa dos verbos em questão não nos permitiu fazer nenhuma generalização a respeito dos dados inaceitáveis do corpus desta pesquisa. Por isso, achamos adequado seguir outra perspectiva para diferenciar esses verbos. Apostamos que uma abordagem mais detalhada poderia nos trazer algumas respostas. Partimos, então, para a decomposição de predicados.

Concluímos, a partir da decomposição de predicados, que os verbos *guardar*, *tampar* e *abrir* são verbos de mudança. O que os difere é o tipo de mudança que cada um deles denota. *Guardar* denota mudança de lugar; *tampar* denotada mudança de posse; e *abrir* denota mudança de estado. Essa investigação foi importante para mostrar que os três verbos em questão, apesar de semelhantes, não são exatamente iguais. A diferença entre eles, porém, ainda não nos permitiu argumentar sobre as restrições encontradas em nossos dados.

Considerando a proposta defendida por Rapoport (1990), de que os verbos de mudança podem aparecer em construções de predicação secundária, partimos para um caminho de análise que adota esse viés teórico. Nossos dados, porém, mostraram que essa análise apresenta alguns problemas. Rapoport argumenta que a inaceitabilidade de alguns dados pode ser explicada pela Estrutura Conceitual Lexical, que prevê uma definição mais específica para verbos de mudança. Aplicamos nossos dados a essa proposta, mas não foi possível encontrar uma resposta satisfatória. O que percebemos é que essa análise não se sustenta com alguns predicados. A partir disso, assumimos a hipótese de que olhar apenas para o verbo não nos daria condições de explicar a inaceitabilidade de algumas sentenças.

Passamos então a olhar para o predicado secundário. Constatamos que os adjetivos que aparecem em qualquer contexto de predicação secundária possuem características distintas daqueles que aparecem em contextos específicos. Nos baseamos no trabalho de McNally (1997) para chegar a essa conclusão. Mostramos que adjetivos como *enferrujada*, *quebrada* e *estragada* (que ocorrem como predicados secundários apenas com o verbo *guardar*) são tomados como *individual level* sob a ótica de McNally. Isso acontece porque esses adjetivos acompanham a entidade à qual se aplicam em qualquer lugar, o que, para McNally, seria uma propriedade dos *individual level*. Essa característica, por si só, não foi capaz de explicar as questões que tínhamos levantado. A dificuldade reside, novamente, em olhar para apenas um predicado. Então, passamos a considerar que as restrições em nossos dados só poderiam ser justificadas pela relação entre o predicado matriz e o predicado secundário.

Adotamos a proposta de Rothstein (2004) para analisar essa hipótese. Rothstein sugere que, para que sejam bem formadas, as construções de predicação secundária envolvem um operador (TP*connect*) que conecta o tempo e o

participante central dos dois eventos. Nossa expectativa era de que pudessemos explicar, através da formalização proposta por Rothstein, que havia uma falha na operação que conecta tempo e participante nos dados inaceitáveis encontrados em nossa base empírica. Porém, mostramos que, segundo essa abordagem, todos os nossos dados deveriam ser considerados aceitáveis enquanto predicados secundários. Mais uma vez, a tentativa de explicar a aceitabilidade dos nossos dados estava em aberto.

Entretanto, ressaltamos que há um ponto que nos interessa nessa teoria: a duração dos eventos. Intuímos que os eventos denotados pelo predicado matriz e pelo predicado secundário precisam, necessariamente, ter uma duração semelhante. Se os eventos apresentarem discrepância de tempo, certamente a sentença será inaceitável. Deixamos essa questão em aberto, mas pretendemos retomá-la em trabalhos futuros.

Diante dos problemas apontados neste trabalho, concluímos que a literatura da área não dá conta de explicar nossos dados e, sendo assim, ainda há muito trabalho a ser desenvolvido que possa explicar o problema que apresentamos. Apesar de não trazermos respostas precisas, apresentamos considerações que podem jogar luzes para que as questões que levantamos aqui sejam respondidas. Entendemos que, desse modo, contribuímos para os estudos da área, reunindo informações que podem servir de apoio para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- BACH, E. **The algebra of events**. Linguistics and Philosophy, Dordrecht, v. 9, p. 5-16, 1986.
- BERTINETTO, P. M. **On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfectivetic confusion**. Em C. e. Cecchetto, Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect. Stanford: CSLI Publications, 2001.
- BERTUCCI, R. A. **Uma análise semântica para verbos aspectuais no português brasileiro**. 2011. 202f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo
- BISOL, L. **Predicados complexos do português: uma análise transformacional**. Porto Alegre: URGs, 1975.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. **Catálogo de Verbos do Português Brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. **Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. **VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro**. Banco de dados lexicais. UFMG. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/verboweb>. 2017
- CARLSON, G. **A unified analysis of the english bare plural**. Linguistics and Philosophy, Dordrecht, v. 1, p. 413–457, 1977.
- CARREIRA, M. B. **Diagnósticos de Constituição para Construções Predicativas Adjetivais**. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — UFPR, Curitiba, 2008.
- CARREIRA, M. B. ; FOLTRAN, M. J. G. D. ; KNÖPFLE, A. **Small Clauses: Origins and State of Affairs**. REVISTA LINGÜÍSTICA , v. 13, p. 372-390, 2017.
- CHOMSKY, N. **Aspect of the Theory of Syntax**. Cambridge/MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

COMRIE, B. **Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge, Cambridge University Press, 1976.

CUNHA, C. F; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

DAVIDSON, D. **Essays on actions and events**. Oxford : Claredon Press, 1980.

DEMONTE, V. **Remarks on secondary predicates: c-command, extraction, and reanalysis**. Linguistic Review, v. 6, n. 1, p. 1-39, 1987

DEN DIKKEN, M. (2006). **The Syntax of Predication, Predicate Inversion, and Copulas**. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.

DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ**. Dordrecht: Reidel, 1979.

DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ**. Dordrecht: Reidel, 1979.

FERREIRA, E.L.M. **Considerações Sobre A Sintaxe Das Construções De Predicação Secundária Depictiva No Português Brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

FOLTRAN, M. J. **Predicados Secundários no Português do Brasil**. 206 f. Tese (Doutorado em Letras) — USP, São Paulo, 1999.

HALE, K. L., KEYSER, S. J. **A view from the middle**. Lexicon Project Working Papers 10, Center for Cognitive Science, MIT, 1987.

HALE, K. & KEYSER, S. J. **Prolegomenon to a Theory of Argument Structure**. Cambridge, Mass: MIT Press, 2002.

HIMMELMANN, N. P. & SCHULTZE-BERNDT, E. **Issues in the syntax and semantics of participant-oriented adjuncts: an introduction**. In HIMMELMANN, Nikolaus & SCHULTZE-BERNDT, Eva (eds.). Secondary Predication and Adverbial Modification: the Typology of Depictives. Oxford: Oxford University Press. p. 1-67, 2005.

JACKENDOFF, R. **Semantics and cognition**. MA: MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, R. **Semantics Structure**. MA: MIT Press, 1990.

KNÖPFLE, A. **Resultativas em línguas ocidentais germânicas: generalizações descritivas, descobertas empíricas e questões analíticas**. Tese de Doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

KRATZER, A. . **Stage-level and individual-level predicates**. In: BACH, E. et alii (eds.). Papers on quantification. University of Massachusetts : NSF Report, 1989.

- KRIFKA, M. **The origins of telicity**. In: Susan Rothstein (ed.), *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT H. **Argument realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- McNALLY, L. **A semantics for the English existential construction**. New York : Garland, 1997.
- MIOTO, C.; FOLTRAN, M. J. **A favor de small clauses**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Editora da Unicamp, v. 49, n.1, p.11-28, 2007.
- MOTUT, A. **A puzzle for the syntax-semantics of depictives**. In: *Proceedings of the Canadian Linguistics Association*, ed. Melinda Heijl, 2010.
- NAPOLI, D. J. **Predication Theory: A Case Study for Indexing Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- PARSONS, T.. **Events in the semantics of English**. Cambridge (MA): MIT Press, 1990.
- RAPOPORT, T. **Adjunct predicate licensing and D-Structure**. In: ROTHSTEIN, S (ed.). *Syntax and Semantics 25: perspectives on phrase structure*. New York : Academic Press. p. 159-187, 1991.
- RAPOPORT, T. **Secondary predication and lexical representation of verbs**. *Machine Translation*, v. 5, p. 31-55, 1990.
- RAPPAPORT HOVAV, M; LEVIN, B. **Building verbs meanings**. In: BUTT, M; GEUDER, W. (eds) *The projection of argument: Lexical and compositional factors*. Stanford: SCLI Publications, p. 97-134, 1998;
- ROTHSTEIN, S. **The Syntactic Forms of Predication**. Tese (Ph.D. Dissertation) — MIT, 1983.
- ROTHSTEIN, S. **Structuring Events**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2004.
- ROTHSTEIN, S. **Predicates and their Subjects**. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 2001.
- SCHULTZE-BERNDT, E. & HIMMELMANN, N. P. **Depictive secondary predicates in crosslinguistic perspective**. *Linguistic Typology* 8(1): 59–131, 2004.
- SMITH, C. S. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, 1991.
- STOWELL, T. **Origins of Phrase Structure**. Tese de Doutorado. Massachusetts: Institute of Technology, 1981.
- VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca, NY: Cornell, 1967.
- VERKUYL, H. **A Theory of Aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure**. Cambridge: Cambridge Press, 1993.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. **Sobre a noção de aspecto**. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v.48, n.2, p.211-232, 2006

WILLIAMS, E. **Small Clauses in English**. In: KIMBALL, John P. (ed.). Syntax and Semantics, v. 4. p. 249-273, 1975.

WILLIAMS, E. (1980). **Predication**. Linguistic Inquiry, Cambridge, v. 11, p. 203 -238, 1980.

WILLIAMS, E. **Against small clause**. Linguistic Inquiry, Cambridge, v.14, p. 287 - 308, 1983.

WINKLER, S. **Focus and Secondary Predication**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.